

Cresce interesse por energia solar na PB

Economia na conta de luz atrai consumidores e Sertão do Estado possui uma das maiores densidades solares do mundo. **Página 13**



Foto: Marcus Antônios

Os "heróis invisíveis" no combate à covid-19

Longe dos holofotes, os trabalhadores de serviços gerais desempenham um papel fundamental nos hospitais para que o vírus não se propague ainda mais. **Página 3**

Diversidade

Lockdown: como funciona a medida radical de isolamento

Autoridades em saúde seguem insistindo no isolamento voluntário para que a Região Metropolitana de JP não tenha que lançar mão da medida. **Página 15**

Esportes

Torneio Integração completa 30 anos

Iniciativa abriu caminho para o surgimento de novos clubes de futebol na Paraíba e resultou na criação da segunda divisão do Campeonato Paraibano. **Página 12**

Almanaque



Foto: Arquivo de família

Olivina Olívia, uma mulher à frente de seu tempo

Educadora, poetisa e escritora foi uma das personagens femininas mais atuantes - e fundamentais - na Paraíba no século 20. **Página 17**

Paraíba



Foto: Roberto Guedes

Cajazeiras A terra que ensinou a Paraíba a ler ostenta um rico patrimônio histórico e cultural e atrai visitantes de todo o Estado em busca do turismo religioso e dos eventos artísticos. **Página 8**



Diversidade

Foto: Divulgação



Edital Coronavírus Conheça os dez projetos que estão sendo desenvolvidos, com o apoio do Governo do Estado, para enfrentar a pandemia. **Página 16**

Mães passam o dia delas em isolamento, mas conectadas

Pode até faltar abraço e beijo no Dia das Mães de 2020, mas o carinho, a conexão e o amor mantêm a data viva e as famílias fortalecidas. **Página 5**

Página 5

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Reprodução

Dissecando as pandemias Professores e alunos da UFPB lançam uma série para mostrar o que o passado pode ensinar ao presente. **Páginas 6 e 7**

Se é fake, É fraude

DENUNCIE!
LIGUE OU ACESSE
197 Disque Denúncia
delegaciaonline.pb.gov.br

Editorial

O que importa

O Brasil comemora, de maneira atípica, neste segundo domingo de maio, o Dia das Mães. Para muitas famílias, será um dia triste, devido às perdas humanas e limitações impostas pela pandemia de coronavírus. O contato físico entre as pessoas, no caso de mães, filhos e filhas, dependendo de fatores como faixa etária e condições de saúde, não é recomendado, além do que, quase todas as portas do comércio estão fechadas para a costumeira compra de presentes.

No entanto, as circunstâncias também são oportunidades que a vida oferece para que as pessoas façam reflexões mais aprofundadas acerca do contexto no qual estão inseridas e da maneira como agem na conjuntura em que vivem, tirando lições capazes de mudar, no bom sentido, o rumo de suas existências, que, às vezes, estão presas a condicionamentos impostos por uma lógica de mercado que reduz a convivência a relações de compra, venda e troca.

Dar presentes às mães, nesta data, é uma manifestação de amor; de reconhecimento, de filhos e filhas, da importância que as progenitoras têm nas suas vidas? Claro. No entanto, em não poucos casos, trata-se de um ato repetitivo, sem o mínimo de criatividade. Uma atitude mecânica que o hábito tornou compulsória, ou, o que é mais certo, que atende ao poderoso apelo consumista de uma mídia associada a interesses da indústria e comércio.

O problema dos mimos é mais fácil de solucionar. Está aí o chamado comércio eletrônico para atenuar a repressão da demanda, no mercado tradicional, forçada pela pandemia. Por outro lado, trabalhadores informais e pequenas empresas, sem burlar as normas de segurança sanitária, criaram fórmulas para driblar a crise e oferecer uma variada gama de produtos/prendas aos filhos e filhas ávidos por dar um regalo às mulheres que os trouxeram ao mundo.

O presente é um acessório, até certo ponto, dispensável. Vale a manifestação sincera de carinho, que pode ocorrer também através de cartas, de audiovisuais ou de simples telefonemas. Às vezes acontece de nenhum produto à venda nos centros comerciais ser mais significativo do que um depoimento dado de coração (um pedido de desculpas ou a lembrança de um acolhimento, por exemplo). Os meios, nesses casos, importam menos que a mensagem.

Crônica

Martinho Moreira Franco
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Um certo sabor amargo

Parodiando o poeta Thiago de Mello, digo que faz escuro, mas Roberto Carlos canta. Em meio às sombras do novo coronavírus, é a segunda vez que ele abre um clarão nas trevas, agora na live dedicada às mães neste segundo domingo de maio, mês de Maria. Não deve faltar no repertório a comovente "Lady Laura", de forte apelo emocional, notadamente em data como a de hoje. É uma das suas mais inspiradas criações. Talvez haja reprise de "Nossa Senhora", que constou na apresentação anterior em formato viralizado (sem trocadilho) pela pandemia da covid-19. Tomara! O que eu mais gostaria de ouvi-lo cantar, porém, era a canção escrita por David Nasser e musicada por Herivelto Martins para Ângela Maria, que a regravou com Francisco Alves, mais tarde com João Dias e tempos depois com Agnaldo Timóteo. A valsa é considerada o Hino do Dia das Mães.

Claro que me refiro a "Mamãe", cuja letra não me canso de reproduzir: "Ela é a dona de tudo/ Ela é a rainha do lar/ Ela vale mais para mim/ Que o céu, que a terra, que o mar/ Ela é a palavra mais linda/ Que um dia o poeta escreveu/ Ela é o tesouro que o pobre/ Das mãos do Senhor recebeu./ Mamãe, mamãe, mamãe/ Tu és a razão dos meus dias/ Tu és feita de amor e de esperança/ Ai, ai, ai, mamãe!/ Eu cresci, o caminho perdi/ Volto a ti e me sinto criança/ Mamãe, mamãe, mamãe/ Eu te lembro o chinelo na mão/ O avental todo sujo de ovo/ Se eu pudesse eu queria outra vez, mamãe/ Começar tudo, tudo de novo". Meu Deus, quantas lembranças estas estrofes me trazem!

Órfão aos nove meses, não conheci dona Elomir, mas, criado pelas tias Ilza (que se casou com o cunhado viúvo) e Linda, idealizava na imaginação a sua figura e concebia esses versos de forma bem particular. Passei boa quadra da infância e a própria adolescência sentindo saudade de uma ilusão. Casado, vi a mãe dos meus primeiros filhos também se tornar miragem para eles. O caçula tendo a minha idade quando a quimera passou a morar comigo. Assim como os três, nem devia me queixar da falta de cuidados e de carinho, pois tivemos, cada um a seu modo, uma segunda chance. Não nego, todavia, certa inveja de amigos que então podiam abraçar e beijar suas mães reais, em especial no dia a elas dedicado. Em todos aqueles momentos, a valsa de David e Herivelto embalou meus delírios. E nunca deixa de me tocar o coração sempre que a ouço no rádio ou na internet. Virou um mantra.

Retornando à live de Roberto, será uma pena não reunir toda a família na sala, por causa do isolamento social. Assim como foi penoso comemorar ontem os 7 anos do neto Lucas sem a presença dos tios, primos e amiguinhos da escola. Outros netos fizeram aniversário na quarentena, e o desapontamento foi igual. Esse vírus, positivamente, não teve infância. Os pirralhos passaram o ano inteiro torcendo por um momento de sonho pra viver a fantasia, mas tudo se acabou na gravação de um vídeo só com os de casa para repassar aos demais. Embora atenuado pelo carisma do Rei, o Dia das Mães terá hoje o sabor amargo desse distanciamento.

/// Será uma pena não reunir toda a família na sala, por causa do isolamento social ///

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PODERÁ GERAR UMA SITUAÇÃO INÉDITA: CONVENÇÕES VIRTUAIS NO PAÍS



Foto: Divulgação

A realização das eleições municipais tem ainda um ranço de indefinição, em que pese declarações de ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), segundo as quais o calendário eleitoral será mantido. Ou seja, o primeiro turno ocorrerá dia 4 de outubro e o segundo, dia 25, do mesmo mês. E o motivo para essa indefinição é óbvio: a pandemia do coronavírus. O Comitê Científico do Consórcio Nordeste diz que o achatamento da curva da doença não será atingido antes de junho, dado que comprovaria a inexistência de motivo para a transferência das eleições, como defendem alguns. Presidente do TSE, o ministro Luiz Roberto Barroso (foto) admitiu, semanas atrás, que "há um risco real e, a essa altura, indarfarçável, de que se possa" adiar as eleições para dezembro. De todo modo, há um período do calendário eleitoral que requer maior atenção da Justiça eleitoral: o das convenções, quando são anunciados, oficialmente, os candidatos que vão disputar a eleições majoritária e proporcional. Pelas regras, os partidos precisam fazer essa movimentação entre 20 de julho e 5 de agosto, portanto em data muito aproximada da provável redução do número de casos de covid-19. E sendo assim, talvez tenhamos um ineditismo nesse particular: as convenções serão realizadas de modo virtual, sem a tradicional aglomeração de pessoas em eventos dessa natureza.

ELIMINAÇÃO DE 100%

Estudo elaborado pela Universidade de Singapura estima que a pandemia do coronavírus no Brasil só terá declínio no começo de junho – o país terá, nesta data, enfrentado algo entre 97% e 99% da crise. Porém, a solução definitiva só deve ocorrer em setembro, quando o estudo aponta que 100% da pandemia terá sido eliminada.

APENAS EM DEZEMBRO

Além da análise dos gráficos do comportamento da covid-19, os pesquisadores da Universidade de Singapura também usaram o modelo matemático SIR (sigla em inglês para o modelo epidemiológico suscetível/infectado/recuperado) para determinar o fim da pandemia no Brasil. No mundo, afirma o estudo, a crise só estará 100% superada em 2 de dezembro.

NADA DE ATO CONTRÁRIO

Com 36 casos confirmados de coronavírus, Guarabira deve se abster de editar ato normativo contrariando o decreto estadual que declarou estado de calamidade pública na Paraíba. A decisão é da juíza Kátia Daniela de Araújo, da 5ª Vara Mista, em deferimento ao pedido do Ministério Público Estadual e do Ministério Público Federal.

MENSALIDADES DE ESCOLAS

Foi indagado ao governador João Azevêdo (Cidadania) se iria sancionar projeto aprovado pela ALPB que determina redução de preço de mensalidades de escolas particulares, durante a pandemia: "Vamos avaliar. Em outros estados, foi considerado inconstitucional. Se a escola está totalmente fechada, precisa ter um tratamento, se está oferecendo aulas online, é outra situação".

SEGUNDA-FEIRA DE RIGOR

Com a propagação dos casos de covid-19 em Campina Grande, devido ao afrouxamento do isolamento social, por parte da população, e à abertura irregular de pontos comerciais, o prefeito Romero Rodrigues (PSD) avisou: "Temos observado a aglomeração de pessoas. A partir de segunda-feira, vamos endurecer a fiscalização". O trabalho será feito pelo Procon.

"SE CONTINUAR CRESCENDO, NÃO TEM JEITO, VAMOS ENDURECER AS MEDIDAS NA PB"

"Nesta próxima semana, vamos anunciar novas medidas [para enfrentamento da pandemia]. Se o número de óbitos e de casos continuar crescendo, não tem jeito, vamos endurecer as medidas", no que tange ao isolamento social. Do governador João Azevêdo, numa emissora de rádio da capital. Ele voltou a alertar as pessoas: "Fiquem em casa".

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exeto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

OLHA O LOCKDOWN AÍ GENTE...



Trabalhadores essenciais e a rotina e medo nos hospitais

Profissionais que cuidam da higienização hospitalar sofrem com a falta de reconhecimento e o risco de contaminação

Ana Flávia Nóbrega
anaflavianobrega@gmail.com

“Nós já éramos esquecidos antes da pandemia, agora estamos sendo mais ainda”. A citação é de uma profissional de serviços gerais que não quis se identificar por medo de sofrer represálias e, consequentemente, perder o emprego que é o sustento de toda a sua família. Ela aqui identificada por LM (iniciais fictícias para preservar a identidade da profissional) trabalha na higienização de um hospital municipal em Campina Grande. Uma tarefa pesada e insalubre, com alta exposição às mais distintas doenças e uma série de riscos. O ofício de limpeza é, muitas vezes, desvalorizado e invisibilizado. Em tempos de pandemia, estes funcionários são ainda mais importantes e estão, cada dia mais, expostos a um risco altíssimo de contágio.

Além do medo pela contaminação, LM relata a ausência de materiais necessários para proteção individual no hospital em que presta serviço. “Todo mundo fala para agradecer aos profissionais da saúde, mas nesses casos as pessoas só lembram dos médicos, enfermeiros e técnicos. Só que é bem maior do que isso. Tem a gente que é da limpeza também. A gente sabe o quanto o nosso trabalho é importante e necessário, mas as pessoas não. Nós somos inexistentes porque lidamos com o lixo, porque limpamos o chão... e não só para a população em geral. Até dentro do hospital somos invisíveis. Já contei vários dias de trabalho que não recebemos material de

EPI suficiente para garantir que a gente não seja infectado”, aponta.

Os profissionais de serviços gerais entrevistados colocam a não exigência de formação específica como principal motivo para o preconceito com a profissão que resultam no apagamento de sua importância no quadro de profissionais atuando na linha de frente da pandemia.

“Muitas vezes a gente não teve como estudar para poder ser outra coisa da vida. Eu me orgulho do meu emprego, mas já passei por muita humilhação por parte de pacientes no hospital onde trabalho por conta da minha situação financeira, escolar e de trabalho. Eu nunca tratei nenhum paciente mal, pelo contrário, todo mundo vai me encontrar só sorrindo e sendo gentil. Mesmo assim, perdi as contas de quantas vezes eu voltei para casa chorando e pensando: “E esse não é um trabalho honesto, não?”. Só que nem todo mundo pensa nisso”, relata uma profissional de serviços gerais de um hospital da rede privada em João Pessoa que também preferiu não se identificar por medo de represálias e será identificada por BC (Iniciais também fictícias).

“// Todo mundo fala para agradecer aos profissionais da saúde, mas nesses casos as pessoas só lembram dos médicos, enfermeiros e técnicos //”



Foto: Marcus Antonius

Trabalhadores de serviços gerais precisam de proteção especial porque são responsáveis pela limpeza do todo o ambiente hospitalar, incluindo locais infectados

+ Um serviço imprescindível e pouco valorizado

O serviço de limpeza e higienização de hospitais é fundamental para o bom funcionamento da saúde como um todo. Em uma engrenagem ampla, o trabalho desses servidores é relativizado e esquecido mesmo que este seja um serviço essencial antes, durante e depois do período de pandemia do novo coronavírus. Além de lidar com o preconceito, perigo eminente de contaminação e esquecimento, esses profissionais ainda lidam com a carga psicológica do medo do coronavírus e de possíveis demissões. De acordo com Jean Teixeira, coordenador e fiscal das equipes de limpeza e higienização do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), esses profissionais estão de fato com medo.

“A equipe tinha uma rotina de trabalho que foi alterada por conta

da pandemia. O pessoal foi redimensionado. O número necessário foi mantido nos setores que ainda tem funcionários trabalhando para que o serviço siga correndo bem. Sobre a questão psíquica, os profissionais de higienização sofrem um abalo sim devido ao coronavírus. A gente nota o receio dos profissionais que estão à frente dessa situação e, por isso, a gente vem trabalhando para manter os profissionais calmos e realizando treinamentos”, declarou Jean Teixeira.

Os profissionais de limpeza no HULW são contratados por meio de contrato com uma empresa que terceiriza a atividade. De acordo com o fiscal das equipes, mesmo não fazendo parte do quadro específico do hospital, os profissionais recebem apoio psicológico e treinamentos sobre a manutenção e manuseio de

materiais que podem estar contaminados. Já as EPI's são distribuídas pela empresa contratante.

“A gente tem contato direto com os lugares que o paciente fica internado, aos lugares que o paciente esteve, contato com secreções e lixo hospitalar que a gente sabe que estão contaminados. Além da batalha psicológica. A gente trabalha com medo, chega em casa com medo”, afirmou LM.

Resposta

A assessoria de comunicação da Secretaria de Saúde do município de Campina Grande nega a falta de material e informa que os materiais de EPI estão sendo distribuídos para todos os funcionários sem restrição de cargos. Além disso, a Secretaria afirma que os profissionais assinam termos que confirmam o recebimento.

Guerra pela vida

Os médicos da linha de frente no combate à covid-19

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Eles estão na linha de frente do combate à covid-19. Muitas vezes afastados da própria família mas com a finalidade de ajudar muitas outras. Os médicos têm trabalhado incessantemente desde o início da pandemia e entre esses profissionais, responsáveis pelo tratamento dos pacientes acometidos pelo novo coronavírus, estão os infectologistas. Hoje eles têm a dedicação e o esforço reconhecidos, e têm inclusive inspirados estudantes, mas alguns especialistas contam que nem sempre foi assim, pelo contrário, muitos relatam histórias desvalorização e até preconceito.

Trabalhando todos os dias com pacientes vítimas da covid-19 no Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa, e no Agamenon Magalhães, no Recife, o infectologista Tiago Gomes conta o preconceito em relação à especialidade é forte no estado e vem de muito tempo. “Historicamen-

te a gente percebe que isso acontece aqui no Estado. Existe um olhar diminuído por parte de outras especialidades pelo fato do infectologista lidar com os extremos de pobreza”, detalha. Doenças tropicais, tuberculose, Hanseníase, e outras tantas têm relação direta com a ausência de serviços essenciais como saneamento básico, baixas condições de moradia, de renda e educação precária.

O médico conta que outras regiões do país veem de outra maneira e que de modo geral a especialidade está sim, sendo cada vez mais reconhecida. “Períodos como o que estamos vivendo acabam provocando uma releitura da nossa função. Hoje, por exemplo, o infectologista tem sido uma voz de liderança dentro dos centros de saúde e tem conduzido discussões importantes”.

Para quem está há meses trabalhando todos os dias da semana, o reconhecimento acontece quando menos se espera. Em um corredor de hospital, quando

um familiar se aproxima, ou mesmo nos leitos, quando os próprios pacientes buscam força para agradecer. “Esse é o melhor pagamento, é a gratidão que motiva a todos nós que estamos trabalhando diretamente nessa pandemia”, afirma o médico.

Motivo de inspiração
Intensivistas, especialistas

em emergência, pneumologistas, geriatras, anestesistas, especialistas em cuidados paliativos e clínicos gerais também trabalham diretamente no tratamento das vítimas da covid-19. Em destaque nos noticiários, aplaudidos das janelas, esses profissionais têm sido também fonte de inspiração.

A médica e professora

Débora Cavalcante, presidente da Associação Médica da Paraíba e diretora de assuntos parlamentares da Associação Médica Brasileira, lembra que mesmo que não esteja entre as especialidades aptas a tratar a doença é possível que em algum momento qualquer médico se depare com um paciente da covid-19.

Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil



Médicos de várias especialidades, como os infectologistas, estão mais expostos diante da pandemia do coronavírus

Sobre as consequências da pandemia entre os estudantes de medicina, a professora acredita que é possível haver algum tipo de influência. “Do mesmo jeito que um bom professor influencia um aluno é possível que os alunos que já têm certa vocação para essas especialidades despertem ainda mais essa vontade”.

É o que tem ouvido Rita Cardoso tem ouvido também dos alunos do Ensino Médio. A coordenadora pedagógica de ensino de uma escola da rede privada conta que a pandemia tem reforçado decisões. “Se o aluno tem aquela vocação ele vai realmente seguir e isso foi confirmado. Se animaram no sentido de enfrentar mesmo”. Em compensação, segundo a educadora, quem não se enquadra neste perfil tem outro tipo de sentimento. “Tem os que ficaram mais amedrontados, que perceberam a importância e o risco de quem está na linha de frente de uma pandemia”.

De longe, o amor de mãe é o que mais nos aproxima...

Homenagem da EPC a todas as mães
que em breve poderão abraçar seus filhos.





Mesmo com covid-19, amor de mãe é incondicional



O novo coronavírus separou mães de seus filhos nesta data, mas o carinho e afeto fortalecem os laços

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

A pandemia mudou o cenário e substituiu o afago pelo aceno distante. O que o novo coronavírus não conseguiu foi mexer com o sentimento que é partilhado ainda no útero e se estende por toda a vida. No Dia das Mães, a reportagem de A União traz algumas histórias especiais que mostram como o caos causado pela pandemia pode ser vencido pela força do amor.

Encontro pós-covid-19

A psicóloga Karina Simões Moura de Moura, 41, aguarda ansiosa pelo dia de hoje quando vai poder reencontrar e abraçar forte o filho Enzo, de dez anos. "Esse é o meu melhor presente de Dia das Mães", afirmou emocionada. São 21 dias de afastamento e contato apenas através do celular. Karina e o marido, o psicólogo Fabiano Moura de Moura, estão em tratamento contra a covid-19 e desde que receberam o diagnóstico estão isolados. Além do filho,

a psicóloga conta que está afastada da mãe, inclusive há mais tempo.

"Foi bem no início da quarentena, desde 16 de março não a vejo". A entrevistada conta que o Dia das Mães foi sempre muito animado e cheio de momentos especiais. Primeiro encontrava a mãe, irmão, cunhada e sobrinhos, depois a sogra e os familiares do marido. Esse ano não vai ser assim. "Passaremos todos isolados, cada um no seu lugar. Mas tentaremos nos falar e nos ver por vídeo. Temos que nos adaptar e nos reinventar. É doído ainda, mas necessário".

Sobre a doença, Karina conta que os sintomas eram tão fortes que em alguns momentos pensou que não resistiria. Pulmões comprometidos, dificuldade para respirar, fraqueza intensa. "Meus pulmões foram comprometidos entre 30% e 40%. A sensação era de ter tijolos em cima de meu peito e o ar vinha devagar e pouco. Ficava com dispneia. Muitos dias, eu não consegui levantar e andar. Se eu ten-

// E se fôssemos internados, como ficaria meu filho? Vinha no meu coração que se eu fosse para o hospital ficaria lá e morreria longe de meu filho. Foi muito desespero //

tassemos internados, praticamente desfalecia. Foram os piores dias de nossas vidas", relata.

Mas não eram apenas as consequências de um vírus 'desconhecido e traiçoeiro', como adjetivou a entrevistada. O coração de mãe também doía. "E se fôssemos internados, como ficaria meu filho? Onde o deixaria e com quem? Não tinha com quem deixar ele. E isso me desesperava. Vinha no meu coração que se eu fosse levada pra o hospital ficaria lá e morreria longe de meu filho. Foi muito desespero". O tratamento de Karina e do marido está sendo feito em casa, com todos os cuidados possíveis.



Karina Simões foi curada da covid-19. Passado o tratamento e a quarentena, ela se prepara para encontrar o filho

+ Cuidado é a maior prova de amor

A enfermeira Mariana Gonçalves, 40, já planejou direitinho o dia e encomendou para a mãe, Idalina Gonçalves, 73, uma das iguarias que ela mais aprecia. "Caranguejo. E claro que acompanhado de cerveja, que a gente costuma aproveitar eu, minha mãe e minhas irmãs", lembra.

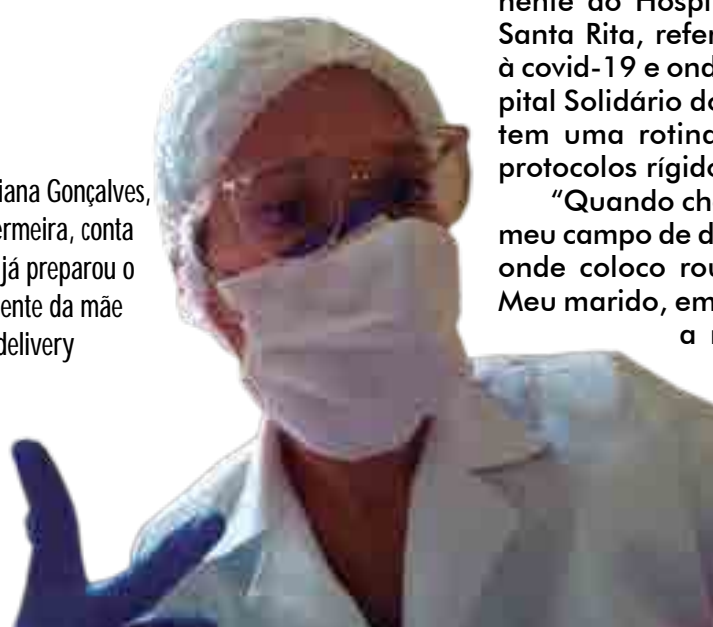
A diferença é que hoje não estarão juntas. A ausência justificada não diminui a saudade nem a vontade de estar perto, mas Mariana sabe da responsabilidade que tem. Em tempos de pandemia o cuidado com a família e, principalmente, com os pais idosos, vem em primeiro lugar.

A profissional da saúde sabe que o contato evitado agora será convertido em tempo juntos em futuro próximo. "Prezo muito pelo cuidado, o meu com a minha rotina e o cuidado para não passar nada para as pessoas que amo. Da nossa casa a gente vai poder aproveitar, cada uma com seus caranguejos". Vai ser assim, Dona Idalina de um lado do telefone e Mariana do outro, fazendo o que sempre fizeram, compartilhando as alegrias de uma data que merece ser comemorada quaisquer que sejam as dificuldades.

A enfermeira, que é coordenadora do Núcleo de Educação Permanente do Hospital Metropolitano de Santa Rita, referência no tratamento à covid-19 e onde foi montado o Hospital Solidário do Governo do Estado, tem uma rotina puxada que segue protocolos rígidos.

"Quando chego em casa já tenho meu campo de desinfecção com balde onde coloco roupa, bolsa, telefone. Meu marido, em distância segura, faz a minha assepsia com álcool a 70% frente e costas e depois disso vou direto para o banheiro onde tomo meu banho, higienizando ponto por ponto", disse.

Mariana Gonçalves, enfermeira, conta que já preparou o presente da mãe via delivery



Sem o abraço alegre de gerações

A jornalista Raquel Medeiros está distante da mãe que mora em Patos, no Sertão do Estado. O último encontro aconteceu em fevereiro e depois do início da quarentena, nunca mais se viram, a não ser pela tela do celular.

Outra coisa que mudou para Raquel foram os planos de visitar a filha Camila Araújo, que há 10 anos mora em São Paulo. O motivo era mais que especial: a chegada da primeira netinha, Clara. "Era justamente para estar com ela nesse momento e dar o suporte nos primeiros dias, que são os mais desafiadores", disse.

Mas a viagem não aconteceu e o pior, sequer há previsão de acontecer. "Con-

versamos e como lá é epicentro da doença decidimos cancelar a viagem. Eu gostaria muito de estar com ela, mas não é possível", lamenta.

A jornalista, que mora com marido e filho, conta que a última vez que esteve com a primogênita foi no Natal passado. A relação forte de cumplicidade não impediu que a família acompanhasse toda a gravidez, através das redes sociais. O mesmo vai acontecer quando a pequena Clara chegar.

"Temos participado de tudo e vamos continuar acompanhando, muito embora nada supere o toque, o abraço". Não tem como não ficar ansiosa, e é esse o sentimento de Raquel diante da distância da filha, que está prestes a ter bebê na cidade com maior número de casos de covid-19.

Raquel Medeiros (D) com a filha Camila: nada supera o abraço



Pandemias: como o presente pode aprender com o passado

Professores e alunos da UFPB criam série de podcasts para falar sobre doenças que já aterrorizaram o mundo

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A história é capaz de não só revelar o passado, como também ajudar a entender o presente. Ao longo do tempo, muitas situações se repetiram, e com as epidemias, pandemias ou pestes, como eram conhecidas, não foi diferente. Desde Antes de Cristo, as doenças trouxeram mortes, problemas sociais, mudanças de comportamento e culturais influenciando até mesmo na arte. Atualmente, com a pandemia causada pela covid-19, o passado nunca esteve tão próximo de todos.

Para ajudar a entender melhor sobre como o passado tem influenciado o futuro e que, apesar de novo para nós, epidemias têm sido recorrentes ao longo da história, alunos e professores do curso de história da Universidade Federal da Paraíba criaram um projeto de extensão, através de uma série de podcast intitulada "Senta que lá vem história".

A coordenadora do projeto, professora doutora Priscilla Gontijo, explicou que o papel do historiador é fundamental em períodos como o de uma pandemia, contribuindo em ajudar a entender os acontecimentos passados para melhorar o presente. "Acredito que o diálogo entre a antiguidade com o presente sempre é frutífero. Assim, mesmo com todas as diferenças, podemos perceber como facilmente uma situação de pandemia pode levar ao caos social. O Brasil, nos últimos dias tem enfrentado também um dos seus momentos mais difíceis: hospitais lotados, sepultamentos coletivos, a grande desigualdade social", disse.

Mesmo em isolamento social, o trabalho dos alunos e professores acontece de forma remota. Pesquisas, gravações,



Foto: Arquivo Pessoal

A coordenadora do projeto, professora doutora Priscilla Gontijo, explicou que o papel do historiador é fundamental em períodos como o de uma pandemia, contribuindo para ajudar a entender o momento atual

entrevistas, tudo passado com uma linguagem acessível para que as pesquisas acadêmicas cheguem ao máximo número de pessoas. Gabriela Lima, de 22 anos, é uma das alunas que participam do projeto.

Cursando o terceiro período de licenciatura em história na UFPB, ela conta que as pesquisas de epidemias do passado, como a Peste Negra, por exemplo, trouxe à tona a importância da ciência e de pesquisadores. "Precisamos ter cuidado ao fazer comparações pois se tratam de epidemias diferentes, mas é possível observar e aprender com a

necessidade do isolamento social", comentou.

Para acompanhar o podcast, acesse: <https://open.spotify.com/show/7ACFNZPoRJ-Wu8NyHI5FHq>



A série de podcasts também pode ser acessada pelo QR Code acima

CONHEÇA ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE O TEMA:

■ No passado, as principais epidemias foram denominadas de peste, mesmo que nem todas tenham sido causadas pela bactéria que deu origem ao nome, o bacilo da peste (*Yersinia pestis*). De acordo com historiadores, possivelmente a primeira notícia sobre uma peste tenha sido encontrada na bíblia sobre uma praga que acometeu os filisteus, como castigo divino por ter roubado a "Arca do Senhor" do povo hebreu. A doença foi dita pelo povo da época como causada por ratos.

■ As maiores epidemias da história foram registradas com a Peste de Atenas (428 a.C.); peste de Siracusa, na Itália (396 a.C.); Peste Antonina, em Roma (166 d. C.); A Peste do Século III, começou no Egito e se espalhou pela Grécia, norte da África e Itália (251 a 266 d. C.); Peste Justiniana, espalhou-se pelos países asiáticos e europeus (452 d.C.); Peste Negra do Século XIV (1334 - 1347).

+ Peste de Atenas é considerada a primeira epidemia da história mundial

A Peste de Atenas é a primeira grande epidemia registrada pela história. A professora doutora de história antiga pela Universidade Federal de Minas Gerais, Priscilla Gontijo, relatou os detalhes dessa epidemia e como ela tem aspectos parecidos com os vivenciados durante a pandemia atual, causada pela covid-19.

A doença, considerada terrível, se espalhou durante o segundo ano na Guerra do Peloponeso (conflitos entre Atenas e Esparta pela hegemonia do Mediterrâneo

de 431 a 404) e durou de 430 a 426 a. C. Uma estratégia de guerra proposta por Péricles, famoso general ateniense que liderava os esforços de guerra, contribuiu para a proliferação da doença. Ele propôs que os habitantes da zona rural fossem para as muralhas na cidade, causando grande aglomeração de pessoas na cidade, que também ficou sem alimentos.

As estimativas são que cerca de 30 mil pessoas morreram em decorrência da peste, entre elas, o próprio Péricles. Provavelmente

a doença veio da África, chegando em Atenas pelo Pireu, região onde fica o Porto. Essa epidemia é uma das que têm maiores relatos, tendo como fonte o historiador Tucídides, autor de História da Guerra do Peloponeso.

Ele foi acometido pela doença, mas conseguiu sobreviver, e descreve com detalhes seus sintomas que eram dor de cabeça, febre e erupções na pele, além de vômito, insônia, dores no estômago e quietude. A professora ressaltou que muitos doentes moribundos vagavam pela cidade totalmente nus. Ela menciona que uma das coisas mais interessantes em seus relatos é como a cidade foi afetada pela doença e comportamento das pessoas.

Os mortos eram tantos que os corpos se amontoavam na rua sem qualquer sepultamento. A historiadora explicou que essa era uma prática impensável para um grego da época, já que a sua religião era justamente baseada ao culto de seus antepassados. Até os templos foram fechados

e as celebrações suspensas, algo que pode ser comparado com a situação atual causada pela pandemia. Muitas religiões têm recorrido, atualmente, a meios on-line para realizar seus cultos, missas ou reuniões.

Comportamentos hostis

Priscilla Gontijo descreve os escritos de Tucídides, onde vários se entregavam a festas e bebedeiras, desrespeitando suas próprias leis. "Esse aspecto é o que mais me chama atenção no relato do historiador: a inversão total dos valores e atitude egoísta e hedonista de alguns diante de tanto sofrimento. Infelizmente, temos exemplos desse tipo de comportamento durante o período de isolamento social imposto pela covid-19, como festas transmitidas em tempo real nas redes sociais", comentou a pesquisadora.

Diferente da situação atual, em que através da tecnologia rapidamente se identificou o motivo da pandemia, na época da Peste de Atenas, não sabiam ao certo

com que doença estavam lidando e buscavam uma cura na magia, religião e medicina, que ainda estava no início com Hipócrates de Cós. Estudos realizados por uma equipe interdisciplinar concluiu, em 2006, que se tratava de uma febre tifóide.

Por fim, a cidade conseguiu sobreviver com o aumento do espaço para o pensamento da medicina, que avançou e os deuses voltaram a ser cultuados, principalmente a divindade de Asclépio, ligado à medicina. Priscilla Gontijo ressaltou que um dos problemas da época, permanece até hoje: a falta de conhecimento. "Hoje, diferente do passado, sabendo exatamente com o tipo de doença que estamos lidando e como fazer para evitá-la. Mas, mesmo com todo esse conhecimento, nosso principal inimigo é a desinformação que impulsiona comportamentos hostis, colocando a saúde de todos em risco".



Foto: Reprodução

Pintura ilustrando o período em que muitos foram contagiados e mortos pela Peste

Continua na Página 7

Epidemia de Peste Negra matou um terço da Europa

Doença aumentou o sentimento de xenofobia, levando a população a culpar e perseguir judeus e pacientes de lepra

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Uma doença que matou milhares de pessoas, em muitos países, abalando esferas econômicas, sociais, políticas e psicológicas. Autoridades recomendam o isolamento social; pessoas praticam xenofobia com os supostos causadores da doença. Religiosos prometem a cura e fazem orações pedindo pelo fim da doença.

Essas características poderiam facilmente serem atreladas ao período de pandemia vivido atualmente, causado pela covid-19. No entanto, foram vividos no século XIV, durante o surto epidêmico da Peste Negra.

De acordo com o professor doutor de história da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Guilherme Queiroz, a Peste Negra teve origem provável na Ásia central ou na China e tinha duas formas: a bubônica, que tinha 70% de letalidade e a pulmonar, com 100% de letalidade.

A transmissão ocorria

por ratos infectados ou pelas pulgas que carregavam a bactéria causadora da doença.

Entre os principais sintomas estavam febre alta, inchaço dos gânglios e manchas escuras causadas pelas hemorragias, o que levou ao nome popular da doença: Peste Negra. O professor explicou que é muito difícil estimar a quantidade de mortes causadas pela Peste, no entanto, alguns estudiosos apontam que, no mínimo, entre 20 e 30 milhões pessoas morreram, com a Europa perdendo cerca de 1/3 de sua população.

Os avanços que facilitaram o deslocamento de pessoas na época favoreceram a disseminação da doença, que atingiu o continente europeu em 1348. O historiador comentou que antes da chegada da Peste, até meados do século XIV, havia um notável aumento populacional e desenvolvimento urbano.

“Novas cidades surgiram e, aquelas já existentes, cresceram em tamanho. Essa

expansão foi acompanhada pela construção de centenas de pontes, as quais facilitaram o deslocamento”, disse.

Os judeus e leprosos da época foram considerados “bodes expiatórios”, acusados de envenenamento dos poços e dos rios, que teria causado a Peste.

O historiador ressaltou que o sentimento de xenofobia aumentou com perseguições e massacres a essas pessoas, apesar dos próprios também sofrerem com a doença.

Os religiosos cristãos também tiveram mudanças em suas práticas com a chegada da epidemia. Ocorreu uma maior expectativa pelo Juízo Final e a chegada do Anticristo.

Além disso, ocorriam procissões que pretendiam repelir a doença. “Nelas, autoridades religiosas carregavam relíquias que supostamente tinham o poder de afastar a doença. De certa forma e em certa medida, essas atitudes ainda podem ser notadas com o coronavírus”, comentou o professor.



Guilherme Queiroz, da UFPB, vê semelhanças entre o comportamento da população do século XIV e a de hoje

Autoridades demoraram para tomar medidas



Em plena Idade Média, as pessoas fabricavam máscaras artesanais para se proteger da doença, que na verdade era transmitida por ratos e pulgas

regredir, ou seja, eles procuravam inicialmente não ver o problema para não assustar a população e agravar a crise econômica”, relatou Guilherme Queiroz.

As condições sanitárias e higiênicas, além dos tratamentos médicos, são muito diferentes do que é visto hoje e podem ser um dos motivos de ter causado tantas mortes. “Desde a Antiguidade, acreditava-se que o equilíbrio dos ‘humores’ restaurava a saúde dos indivíduos. Aliás, essa é a origem da expressão ‘fulano está de bom/mau humor’. Tal equilíbrio poderia ser atingido, por exemplo, pela retirada de sangue (sangria) ou pela ingestão de purgantes (geralmente à base de ervas), que forçavam a evacuação. Para os médicos medievais, a Peste Negra estava presente no ar (os miasmas), que deveria ser purificado a partir da queima de lenha e/ou de ervas aromáticas”.

E, na Idade Média, como não sabiam a causa da doença e com a informação de que a doença era transmitida pelo ar, muitas pessoas recorreram à confecção de máscaras artesanais como forma de proteção.

O conflito economia e saúde e a irresponsabilidade com as vidas, colocando o crescimento econômico em primeiro lugar, também ocorreu sendo relatado pelo historiador francês Jean Delumeau, em seu livro “História do Medo no Ocidente”.

“Ele assinala que as autoridades medievais demoraram muito para tomar medidas contra a Peste. Ele afirma que, na Península Itálica, apenas Florença tentou proteger seus habitantes do perigo que se aproximava. De modo geral, as autoridades acreditavam que a doença poderia

Jovens procuravam o isolamento para se proteger



A Peste Negra marcou a arte da época e era frequentemente representada em pinturas, murais, xilogravuras e textos

Um famoso tema que surgiu na época com o aumento da melancolia foi a Dança Macabra. “Muito representada em pinturas murais, xilogravuras e textos literários, a morte ganhava maior destaque após a chegada da Peste Negra. Essas fontes conferem acesso à história do imaginário, à forma como os medievais encaravam a vida e a morte naquele período”, explicou o pesquisador.

Na literatura, a obra mais conhecida é o Decame-

ron, de Giovanni Boccaccio. Há relatos em que jovens abandonaram Florença para viver isolados, como uma forma de se protegerem da Peste. O professor Guilherme Queiroz comentou que a própria Faculdade de Medicina de Paris recomendava a fuga. “O isolamento era conhecido e muitas vezes chegou a ser praticado. As autoridades de então, atônitas perante o caos social, buscavam obter maior controle das populações recorrendo à quarentena. Em 1374, por exemplo,

quando a Peste atingiu Milão, na Itália, os doentes foram obrigados a deixar a cidade até que se recuperassem ou morressem”.

Para obter um maior controle das populações, em meio ao caos social, as autoridades recorreram à quarentena



Fotos: Roberto Guedes



Cajazeiras está a uma distância de aproximadamente 468 Km de João Pessoa e possui temperaturas médias de 27°C ao ano, além de ter um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano da Paraíba

Cajazeiras: terra da cultura e de grande tradição religiosa

Município localizado no Sertão paraibano é conhecido como a terra que ensinou a Paraíba a ler

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

O município de Cajazeiras é conhecido por muitos como a terra que ensinou a Paraíba a ler. Possui atrativos turísticos que merecem ser visitados por todos. Com vários patrimônios histórico e culturais, turismo religioso, realiza diversos eventos anualmente, como o Carnaval, Paixão de Cristo e São João (Xamegão). É um verdadeiro roteiro de eventos, cultura, fé, diversão e comércio. Tem muito para mostrar e oferecer ao turista que visita o município.

Cajazeiras está localizada no interior do Estado da Paraíba. Pertence à Mesorregião do Sertão e à Microrregião de Cajazeiras. Está a uma distância de aproximadamente 468 Km da capital João Pessoa. A cidade possui temperaturas médias de 27°C ao ano. Cajazeiras possui um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano da Paraíba. Economicamente, o setor terciário é sua principal fonte de renda, tendo o comércio e os serviços como importantes atividades econômicas. Veja a seguir os lugares que o visitante não pode deixar de conhecer na cidade.

■ TEATRO ÍRACLES PIRES

O teatro Íracles Pires é uma das principais casas de espetáculos da Paraíba. Fundado em 1985, o primeiro teatro da região foi reinaugurado em 2018. O local teve a capacidade ampliada, passou de 176 para 240 lugares.

■ CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

A Igreja Catedral é um dos símbolos mais importantes da fé cajazeirense e o principal cartão postal da cidade. No dia 31 de janeiro de 1937 foi lançada a pedra fundamental para a construção da nova Catedral de Cajazeiras. A torre da Catedral tem 52 metros de altura e foi construída durante quatro anos. Devido a sua altura, é vista pelos quatro cantos de Cajazeiras.

■ LEBLON

O Cartão postal da cidade ganhou o apelido carinhoso da população de Leblon. O açude grande, construído em 1804, foi propriedade particular da 'Fazenda Grande', onde viveu Padre Rolim, fundador da cidade. O açude destinava-se ao abastecimento dos moradores e para a criação de animais. Contemplar o pôr-do-sol no Leblon é um dos espetáculos mais fascinantes do Sertão paraibano, tanto para os cajazeirenses quanto para os turistas.

■ CRISTO

Trata-se de uma estátua similar ao cristo do Rio de Janeiro em tamanho menor, tem por volta de 5 metros. Localização: Alto do Morro Cristo Rei. O ano da inauguração foi em 15 de junho de 1939.

Doada pelo Senhor Silvino Bandeira aos cajazeirenses, é reconhecida como patrimônio histórico da cidade tombado pelo IPHAEP.

■ BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DR CASTRO PINTO

A biblioteca Pública Municipal Dr. Castro Pinto, foi construída, na gestão do prefeito Dr. Antônio Quirino de Moura em 1974 e tem o objetivo de servir o município de Cajazeiras em suas esferas urbana e rural.

Atualmente, todo o acervo da biblioteca está à disposição da população cajazeirense e de municípios circunvizinhos, além de oferecer outros serviços a exemplo de internet gratuita.

■ IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Considerada a primeira capela da cidade de Cajazeiras. Construída por Ana Albuquerque (Mãe Aninha), a primeira capela tinha como padroeira Nossa Senhora da Piedade. Apenas em 1914, com a criação da Diocese, que teve como primeiro bispo dom Moisés Coelho, a



A Catedral da cidade é um dos símbolos mais importantes da fé cajazeirense

Igreja de Nossa Senhora de Fátima (ainda com a denominação de Nossa Senhora da Piedade) passou ao posto de Catedral.

Posteriormente, em 1957, com a inauguração da nova Catedral Diocesana (atual Paróquia Nossa Senhora da Piedade), por decreto diocesano, a antiga igreja de Nossa Senhora da Piedade passou a ser chamada de Paróquia de Nossa Se-

nhos, além de oferecer outros serviços a exemplo de internet gratuita.

Outro ponto importante é o fato de que o corpo do fundador da cidade – o Padre Inácio de Sousa Rolim está enterrado na Paróquia, embora não se saiba ao certo se do lado direito ou esquerdo do altar mor.

■ COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes, antiga Escola Normal Padre Rolim, foi fundado em 1843 pelo Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim. De 1928 a 1983 foi administrado pelo Instituto Santa Doroteia, adotando como padroeira, Nossa Senhora de Lourdes. Posteriormente, passou para Mitra Diocesana de Cajazeiras até janeiro de 1990, quando a Diocese entregou para a Sociedade Literária e Caritativa Santo Agostinho - mantenedora das Irmãs Escolares de Nossa Senhora da Província da América Latina e Caribe. A Congregação das IENS foi fundada em 24 de outubro de 1833, em Neunburgvorm Wald, Baviera – Alemanha, por Maria Teresa de Jesus Gerhardinger.

■ FAFIC- SANTUÁRIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

O Colégio Diocesano Padre Rolim teve sua construção iniciada em 1934, no local onde existia uma das antigas casas de caridade que o Padre Ibiapina espalhou pela região Nordeste.

No início, o empreendimento contava com uma estrutura em dois pisos. Somente por volta da década de 1940 é que foi erguida a capela Nossa Senhora Auxiliadora pelos padres salesianos, que estiveram à frente do Colégio até o início da década de 1960.

Dono de um porte arquitetônico que chama a atenção na cidade e na região, atualmente abriga a FAFIC – Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Artes de Cajazeiras – e também conta com uma parte de sua estrutura voltada aos sacerdotes, abrigando, em seu interior, um Santuário rico em arquitetura e beleza.

■ ENGENHEIRO AVIDOS – BOQUEIRÃO

Engenheiro Avidos é um distrito do município de Cajazeiras. Foi criado pelo parágrafo único da Lei estadual 424, de 28 de outubro de 1915.

Em 1910, o governo reconhece a necessidade de se construir no Nordeste grandes barragens e em 1921, uma empresa americana, Dwight P. Robinson, especializada em engenharia de açudes e barragens deu início, além de outras, a de Boqueirão de Piranhas.

Em 18 de setembro de 1936, foram concluídos os trabalhos de construção do açude Piranhas e sua inauguração ocorreu com muita festa no dia 30 de novembro daquele mesmo ano, com a presença do governador Argemiro de Figueiredo e do jornalista Assis Chateaubriand. Com esta estrutura urbana, o povoado conquistou o predicado de vila, como sede do Distrito de Engenheiro Ávidos, criado pelo Decreto 1.010, de 30 de março de 1938.



Cajazeiras possui atrativos turísticos que merecem ser visitados por todos

nhora de Fátima.

Atualmente, a arquitetura é eclética tendo o frontispício com tendência barroca, as torres são neomaneirista e as portas e janelas tem tendências góticas. A igreja é composta por duas naves laterais e uma nave central, um altar principal e

■ PALÁCIO EPISCOPAL

O Palácio Episcopal foi construído no bispado de Dom Moisés Coelho, entre os anos de 1915 e 1932. A Sede da Cúria Diocesana, em conjunto com a capela lateral, formam um conjunto arquitetônico imponente, sendo um dos exem-

CALENDÁRIO DOS PRINCIPAIS EVENTOS DA CIDADE DE CAJAZEIRAS-PB

■ FEVEREIRO: Carnaval

■ MARÇO: Paixão de Cristo

■ ABRIL: Vaquejada

■ JUNHO: São João- Xamegão

■ AGOSTO: Comemorações da emancipação política de Cajazeiras/Baile do Reencontro

■ SETEMBRO: Desfile Cívico / Comemorações da Padroeira da cidade

■ DEZEMBRO: Natal e Réveillon

Relembre os 30 anos do Torneio Integração, competição na qual clubes como Sousa e Atlético de Cajazeiras chegaram a elite do futebol. [Página 12](#)



Foto: Divulgação

Foto: Divulgação



Para a autora Isaura Tupiniquim, a obra 'Mula [em sítio específico]' é um experimento de um possível espetáculo de dança "ainda por vir"

Editais nacionais selecionam dois projetos de dança da Paraíba

Entre mais de 7 mil inscritos de todo o país, intervenções performáticas paraibanas serão exibidas on-line nos próximos meses

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Experimentações performáticas durante a quarentena, baseadas em Pina Bausch (1940-2009) e o flamenco, ou a tradução de um poema através dos movimentos do corpo. Duas intervenções paraibanas de dança foram classificadas no primeiro edital nacional da série Arte como Respiro: múltiplos editais de emergência, do Itaú Cultural.

Em um universo contendo mais de 7 mil inscrições de todo o país, entre as quais foram selecionados 200 trabalhos, a Paraíba é representada por Bianca Rufino e Mariana Sanfer, que foram selecionadas com o projeto *O dia em que tirei minha alma pra dançar*, e Isaura Tupiniquim, que criou a intervenção *Mula [em sítio específico]*.

O edital tem objetivo de acolher artistas que atuam sem remuneração no período de isolamento social devido à crise causada pela pandemia do covid-19, abrangendo áreas referentes às artes cênicas (circo, dança e teatro). Os 200 trabalhos contemplados de todo o país serão exibidos de acordo com a agenda da equipe de Artes Cênicas do Itaú Cultural nos próximos dois meses, mas a programação poderá ser alterada con-

/// Vi na poesia de Bianca Rufino uma oportunidade de jogo, nessa relação entre palavra e corpo, ou ainda uma possível tradução do verbo ao movimento ///

forme as possíveis mudanças do quadro social.

Bianca Rufino, poeta, escreveu *O dia em que tirei minha alma para dançar* há cerca de quatro anos, mas quando iniciou o período de isolamento social, a artista resolveu desengavetar alguns projetos. "Quando fui lendo, fui me envolvendo novamente com o texto. Alterei algumas coisas e então gravei o áudio. O nosso projeto resultou de uma brincadeira performática, na verdade, porque, quando eu reeditei o texto, senti a necessidade de enviá-lo para alguns amigos e pensei que Mariana Sanfer poderia acrescentar e enriquecer a experiência dele. Ela então topou fazer o projeto comigo", lembra Bianca, que, ao receber o vídeo da amiga, sentiu que o poema se uniu ao corpo "em uma simbiose muito bonita".

Em meio à triste realidade do contexto atual, Bianca reforça a importância do trabalho enquanto uma retomada de sonhos e de aproximação com o imaginário. "Em meio a tantos lutos e tristezas, a gente precisa desse imaginário. Não como uma fuga, mas como uma possibilidade de esperança, de ir além do palpável". Ela reforça ainda a importância de reflexões mais leves como a provocada em seu poema. "Para que a gente volte a se comunicar com a nossa espiritualidade, nossa fé, com nós mesmos", analisa.

Mariana Sanfer, parceira de Bianca Rufino no projeto, revela que vem desenvolvendo em seus trabalhos o conceito de Corpo Griot, ou seja, quando o corpo conta histórias. "Vi na poesia de Bianca Rufino uma oportunidade de jogo, nessa relação entre palavra e corpo, ou ainda uma possível

tradução do verbo ao movimento". Bianca havia enviado alguns áudios de poemas diversos, mas Mariana destaca *O dia em que tirei minha alma pra dançar*. "O jogo de versos que ilustram uma possível interação com Deus, me remeteu à intimidade e, ao mesmo tempo, as ideias de leveza e coragem", explica a dançarina.

A dança acontece no projeto como uma interpretação em improviso, como Sanfer detalha. "Essa relação de querer transmitir algo na arte às vezes é algo delicado. Neste caso, a performance aconteceu por meio da técnica de improvisação em dança, sentindo o poema e me movendo em tempo real".

A artista critica o espaço dedicado à arte, e especificamente à dança, atualmente. "É algo muito desafiador, porque falta incentivo. A vida de uma ou um dançarino precisa se dividir em trabalhar em várias escolas ou estúdios de dança para poder garantir seu sustento, e isso acaba afetando a relação com a própria produção pessoal".

Em meio à crise provocada pelo vírus, Mariana comenta que a situação de diversos segmentos das artes é preocupante. "O desmonte de estruturas culturais que estamos vivendo, é desolador", diz. Para ela, as criações não devem se encaixar apenas como produto comercial.

Drama cotidiano

Isaura Tupiniquim define seu trabalho *Mula [em sítio específico]* como um experimento de um possível espetáculo de dança "ainda por vir", que foi realizado já durante o período de quarentena em sua casa. As inspirações para criação foram inúmeras, como ela aponta, mas destaca as figuras femi-

nas das danças de Pina Bausch e da dança flamenco.

Nas palavras da artista, "a situação de isolamento somada à política nacional evidencia uma anormalidade sem precedentes na nossa geração, e acho que minha dança sugere possíveis incoerências entre ação e contexto, produzindo de modo sutil alguns desajustes entre civil e selvagem", reflete.

Isaura performou, editou e criou a trilha e o poema que integram o projeto. Para ela, sua performance comunica principalmente às mulheres donas de casa em sobrecarga de tantas funções ao mesmo tempo. "Essa dramatização do cotidiano pode ser pensada como uma sugestão de prática criativa para aqueles e aquelas que desejam despertar sua sensibilidade estética em situação doméstica, transformando uma simples ação caseira em matéria artística", argumenta a artista.

Nascida em Salvador (BA), Isaura mora na capital paraibana há três anos e percebe uma quantidade de artistas competentes em diversas linguagens. "Felizmente no campo da dança temos um curso de graduação, o que garante um espaço de formação superior, mas não há, por exemplo, um festival de cunho internacional ou até mesmo nacional de maior porte. Isso mobilizaria a economia local e traria relações e experiências importantes para fortalecer a rede de artistas daqui", critica a artista, e complementa argumentando sobre a crise sanitária e política que estamos vivenciando. "Minhas perspectivas para esse momento não são as melhores. Acredito que vamos sobreviver, mas não sem muitas feridas abertas".

Foto: Herison Oliveira/Divulgação



Foto: Divulgação



Mariana Sanfer empresta o movimento do seu corpo ao poema de Bianca Rufino

Moralidade, lei e cultura

Todos os grupos sociais criam regras e meios adequados para forçar que as pessoas as obedecem. Esses variam. Podem ser jurídicos, baseados na ameaça de castigos físicos, em questões morais ou simplesmente nos costumes e tradição. Mesmo assim, não há garantias de que os indivíduos seguirão as normas ao pé da letra. Pelo contrário. Elas poderão a qualquer momento ser violadas ou cair em desuso. Isso acontece com maior frequência que se possa imaginar.

No Alabama, Estados Unidos, existe uma lei que proíbe jogar dominó aos domingos. A prática de sexo oral é considerada crime de sodomia em vários Estados norte-americanos. Na França é ilegal beijar outra pessoa num trem. Em Idaho é igualmente criminoso presentear a namorada com uma caixa de bombons que pese menos que 50 libras (o equivalente a 23 gramas). Em Denver há uma lei curiosa, em que não se permite emprestar o aspirador de pó ao vizinho. É difícil, porém, imaginar que os desvios dessas regras produzam, hoje em dia, algum tipo de fúria ou sanção.

Segue-se daí que punições e censuras são mecanismos comuns às mais diferentes formas de sociedades. A classificação de atos maus e dignos de elogio está presente em organizações sociais modernas e pré-modernas. Em sociedades “primitivas” já se admitia que certos atos fossem capazes de produzir prosperidade individual e coletiva, enquanto outros nos empurrariam à ruína.

Tais crenças são apenas, em parte, sustentadas por bases racionais. A superstição teria papel importante, porque a moralidade “primitiva” origina-se no tabu. A ideia de que objetos estão cheios de mana (substância da qual a magia é feita, segundo tribos polinésias) e que ao tocá-las morremos, ou que alimentos puros e impuros fazem parte de uma mentalidade cuja superstição é uma marca.

O filósofo Inglês Bertrand Russell argumentava que não existiria intenção de justiça, tal como a entendemos, nos castigos provenientes das violações de tabus. A ideia é reforçada com uma história sobre a Arca da Nova Aliança

– símbolo da relação entre Deus e os judeus – narrada no livro bíblico de Samuel.

De acordo com a tradição judaica, a Arca só poderia ser levada por quatro homens que transpassavam, com varas de acácia, duas argolas laterais de ouro, possibilitando assim os apoios necessários ao transporte. Não devia ser carregada numa carroça nem tocada por ninguém além dos sacerdotes levitas. Em resumo: certo dia, quando Davi transportava a Arca numa carroça e ela começou a tropicar à eira de Quindom, Uzá, que não era sacerdote, tentou evitar a queda segurando-a com as mãos. O resultado foi um ataque divino fulminante: o incauto judeu tombaria morto pela desobediência, apesar de sua nobre intenção.

É comum que tabus sejam expressos na forma de proibição a determinados tipos de casamento. Na Inglaterra, até meados do século passado, era proibido que um homem viúvo casasse com sua cunhada. A igreja Ortodoxa Grega é, até hoje, contra casamentos realizados entre padrinhos ou primos de 1º grau. Em todos esses exemplos não prevalecem argumentos racionais que apontem supostos prejuízos à sociedade, caso as regras sejam desrespeitadas. Elas se sustentam pela força de antigos tabus.

O poder que o tabu do incesto exerce sobre nossas consciências e sentimentos é muito ilustrativo. Indivíduos frequentemente inescrupulosos tenderão a vê-lo com grande rejeição. Moll Flanders (personagem do romance homônimo de Daniel Defoe) não era o tipo de pessoa que se importava com os crimes que cometia, mas não foi capaz de suportar o fato de ter mantido relação incestuosa com seu meio-irmão – mesmo que só soubesse disso após contrair matrimônio. Édipo também não suportou o peso de ter desposado a própria mãe e assassinado o pai – acabou furando os próprios olhos.

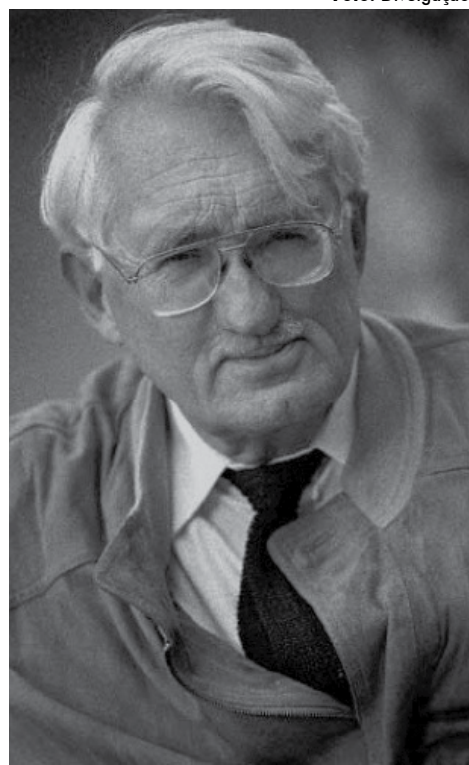
Essas histórias reforçam, naturalmente, o poder do tabu sobre nossos sentimentos e evidencia a ligação entre traços da psicologia humana, crenças e costumes sociais.

O conflito e a ética do diálogo

O mundo sempre esteve num equilíbrio instável. Atualmente, os tratados internacionais que mantêm a paz entre as nações ameaçam a irmandade entre os povos e a destruição do nosso planeta. Desde o século passado, a partir dos anos de 1970, foram criados vários acordos, entre esses os Tratados de Mísseis Antibalísticos e o Tratado das Forças Nucleares Intermediárias. Nesses dois tratados, os EUA e a União Soviética já se retiraram. A justificativa é de que ambos se acusam de não cumprirem os acordos e isso gera uma instabilidade econômica mundial e provoca tensões entre vários países. Apesar de manterem por 30 anos alguns tratados para a paz mundial, que foram abandonados desde 2002.

Os tratados mais importantes, desde 1984, são o de uso de armas nucleares entre os EUA e a União Soviética, que foi o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START I), que exigia a limitação dessas armas. Outro acordo foi o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START II), o objetivo era de evitar o uso de ogivas múltiplas dos mísseis intercontinentais. Esse tratado foi assinado no ano 1993 e não foi cumprido. No ano de 2002, a Rússia se retirou desse tratado em represália ao fato dos EUA terem se retirado do Tratado dos Mísseis Antibalísticos (ABM), o objetivo era limitar o número de mísseis antibalísticos para defender algumas regiões. Dessa forma, o conflito se estabeleceu para um surgimento de uma guerra nuclear fortalecida pela ciência, pela técnica e razão.

O filósofo e sociólogo alemão Max Horkheimer (1895-1973), no seu livro *Eclipse da Razão* (1947), apresenta o conceito de razão instrumental para criticar a razão por utilizar a técnica como uma forma de dominar o mundo. A partir dessa tese de Horkheimer, o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (1929), no seu livro *Teoria da Ação Comunicativa* (1981), nos diz que a razão não pode ser reduzida à sua perversidade utilitária, uma vez que ela possui uma função comunicativa. E que na estrutura da linguagem cotidiana está introduzida uma condição de racionalidade. Para Habermas, o que



Filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas

fundamenta a sua teoria – da ação comunicativa – é considerar a linguagem como uma ação. E a fala implica uma reciprocidade e sinceridade. A interação com a linguagem assegura que os cidadãos compartilhem um mundo construído pelo diálogo.

Habermas – diante do conflito e da razão – constrói um processo de comunicação através de um agir comum, a fim de organizar o entendimento entre cidadãos a partir do diálogo não violento, mesmo diante de uma situação ofensiva ou perversa. A importância do diálogo em Habermas é de manter o reconhecimento do outro, o respeito e a sinceridade. Nesse processo da ação comunicativa é necessário que não exista um enganador para construir o agir comum, seja diante do poder político e econômico.

Habermas fundamenta a ética da discussão, na qual as questões morais são analisadas em vez de debater acordos ou um valor moral como Lei Universal. Sua tese afirma que uma norma ética só é válida quando for objeto de uma livre discussão. O agir comunicativo tende ao entendimento entre os cidadãos e à base de uma ética. A ação comunicativa ocorre através

das ações onde os cidadãos não estão orientados para o sucesso individual. Esses cidadãos buscam os seus objetivos de forma a respeitarem uma harmonia de ação sobre algo comum e a negociação de situação para o entendimento, através da ação comunicativa.

A contribuição da ação comunicativa – para a educação – é utilizar a interdisciplinaridade para enriquecer os campos do conhecimento. Na política, sua teoria mantém a base para alternativas à democracia representativa, que, nos dias atuais, são alternativas usadas por cidadãos que não se sentem representados pelos políticos e governantes. São alternativas para essa participação as audiências públicas, os comitês, orçamento participativo ou democrático, e plebiscitos. Essas alternativas resgatam a democracia e legítima o agir comum.

Darei continuidade a esse ensaio ao conceituar o nacionalismo na Rádio Tabajara. Sinta-se convidado para a audição do 266 Domingo Sinfônico, deste dia 10, das 22h até às 0h. Sintonize FM 105.5 ou baixe o aplicativo ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição, vamos conhecer as peças que influenciaram o nacionalismo. O filósofo alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803), na sua obra *Filosofia da História Para a Formação da Humanidade* (1774), em comum com o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), conceituou o nacionalismo. Herder afirma que os destinos de um povo são determinados pelas questões regionais e adquirem uma projeção nacional e se direcionam para o universal. E que o caráter nacional – no cidadão ou no povo – acompanha-o por toda vida, fazendo-o preservar a própria cultura. E cabe aos poetas de extrair essa cultura do seu povo através do idioma e da literatura, a fim de fortalecer a própria cultura regional e nacional, e projetá-la ao universal. Um dos compositores que irei apresentar é o brasileiro/paraibano José de Lima Siqueira (1907-1885). Ele criou Orquestras Sinfônicas e Associações Nacionais e Internacionais. Participou como jurado em festivais e concursos internacionais. Siqueira criou o Sistema Trimodal Brasileiro.

Kubitschek

Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Pondé é ansioso também

É difícil ponderar a ansiedade. Tá na cara. Nestes tempos de pandemia nem se fala. Mas a moda agora é realidade. Na última segunda-feira, me inscrevi para uma palestra virtual, do filósofo Felipe Luiz Pondé, cujo tema foi “Você é ansioso?”, que é o nome de seu novo livro com selo da Planeta. *Live* nenhuma chegou perto. Mais de mil pessoas on-line. Marcado para às 19h30, eu já estava no computador às 19h. Todas no chat de conversas pareciam calmas. Não lembro.

Pondé é cruel. Antes da pandemia, ele já percebia a ansiedade como uma das questões mais preocupantes e inquietantes para as pessoas, dos seus alunos universitários aos leitores da coluna na *Folha* etc.

Pondé falou sobre jovens intensamente, adultos amplamente da maneira mais simples. Direto. Socando. Naquela noite, quando fui dormir, fiquei mais ansioso, como se eu não conhecesse a velha amiga, dona ansiedade. Ele disse que os ansiosos vivem mais. Isso dele dizer viver mais, me alegrou, mas estou sabendo que um sistema que já entrou em colapso foi o doutor nervoso. Zera a reza. Às vezes, acho que já estou melhor, mas aí uma voz na minha cabeça diz que tudo vai ficar Zoom. Vozes? Sei. Não se.

Cartas na tela: o medo de ir a médicos, a ansiedade na hora de marcar exames, saber o resultado dos exames, esperar a próxima festa (que festa?), a visita do inesperado, tudo faz sentido. Na hora, uma criatura pinel me ligou em prantos, (seu *dog* estava com febre) e eu ali com Pondé na palma da mão, no celular de todas as agonias, louco para saber se a ansiedade é uma doença contagiosa, (acho que foi a última pergunta que ele respondeu) e sim, é uma doença contagiosa. Pondé disse, e gargalhou.

Lembrei de um ensaio de Euclides da Cunha que, em 1905, navegou até as cabeceiras a Amazônia. Euclides, o marido traído, que era obcecado pela ideia do progresso e da civilização, entendeu ou intuiu que a barbárie troca de lado sem fazer cerimônia. Nunca imaginei o autor de *Os Sertões* algo tão atual. Seria um ansioso? Claro. É o mundo todo. Estamos nessa levada, digo pancada.

Pondé e seu fluxo, como se falasse pelos cotovelos em sala de aula. Uma sinuca de bico. Logo no dia em que Aldir Blanc morreu? Pondé deixou vazar sua ansiedade: quando era aluno de Medicina diante do fêmur para “desossá-lo”. Lembrei do odiado professor de Matemática, que me chamava ao quadro negro, para uma raiz quadrada, e eu tinha vontade de matá-lo. Eu só pensava na estrada, no sexo, totalmente ansioso.

Meus olhos grudados em Pondé, sua enorme barba branca, seus dentes de leite “dinosauricos”, com gestos romanescos, quase um rapaz, um “bom” brasileiro, sob uma luz brilhante do quarto da filha.

Vida agitada, ganha pão, perde mesada, dinheiro curto e ansiolíticos, idiotas e caretas prolixos, pau, pedra só me falta TPM, mas já fui mulher, eu sei. Tudo me impede de construir um império de calma. Pondé, a gente pode matar a ansiedade? Em resumo: estamos torrados?

A palestra foi uma descoberta, uma dica da amiga Lourdes Freitas. Quando ele acabou de falar, uma senhora encaminhou três perguntas (foram milhares). Minha ansiedade, já estava morta. Eu queria saber bem de tão ansioso que estava, corri para lavar as mãos. Não me lembro quando comecei a colocar o carro na frente dos bois. Meu pai dizia: meu filho tenha paciência e eu não sabia que minha hiperatividade me levaria para esses tempos tortuosos do C-19. Fui dormir com o dia clareando, sentindo o próprio Fitzcarraldo no naufrágio, em 1897.

Madre de Deus, como vou sair dessa?

Kapetadas

1 - Sabe Aquele pagodeiro que faz a gente trabalhar a musculatura: Xande de Pilates? Cartas para Regina Duarte.

2 - Tá, mas e os OVNI, cadê? Eu quero uma carona, please.

3 - Som na caixa: “Tranquila, levo a vida tranquila”, Kassim.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O Cinema da/na Paraíba perde o crítico Wills Leal

Todos de sua geração lastimam o falecimento do jornalista, "turistólogo" e escritor Wills Leal.

Eu o conheci ainda diretor da PBTur, funcionando no sobrado em frente ao Liceu Paraibano. Depois, no jornal *O Norte* onde trabalhei por oito anos, na época de Marcone Gois e Teócrita Leal (irmão de Wills), na administração da empresa. Fui redator do jornal, depois editor do Segundo Caderno por alguns anos, onde escrevia a coluna diária *Tela & Palco*, quando saí para a Universidade Federal da Paraíba, na época de Naldo Cavalcanti na Reitoria da UFPB.

Estivemos juntos mais uma vez quando a nossa empresa - AS Produções Cinema e Vídeo -, com recursos do Banco do Nordeste administrou financeira e administrativamente os festivais do Semiárido por Wills coordenado durante quatro anos seguidos. Demos suporte de difusão através das mídias impressa falada, televisada e pela internet, com a criação de um site sobre o certame.

Wills sempre foi um agitador e de grande mobilidade cultural. Fomos parceiros nas celebrações dos 25 anos do Cinema Educativo da Paraíba, quando exibimos na API o meu documentário sobre João Córdula, *Cinema Inacabado*.

Nosso maior feito foi a criação da Academia Paraibana de Cinema (APC), ainda hoje existente. Porém, tivemos algumas divergências quanto ao número de participantes (50): eu achava que fugia ao padrão normal das academias, mas ele, por ter tido a ideia, não. Cedi aos seus argumentos. Fomos presidente e vice em

Jornalista, 'turistólogo' e escritor foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Cinema (APC)



Foto: Divulgação

duas gestões seguidas, respectivamente ocupantes das Cadeiras 4 e 5 da Academia, juntamente aos nossos pares (Mirabeau Dias, Manoel Jaime Xavier, Carlos Trigueiro e outros), quando repassamos a APC ao professor Moacir Barbosa de Sousa, que fez uma excelente administração à frente da entidade, continuando eu como Secretário-Geral. Nessa época, realizamos um vídeo com Wills, sob orientação da presidência da Academia, depondo sobre a criação da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba. Depoimento que deve servir de narrativa para quem deseja saber melhor a importância da ACCP para a história do nosso cinema.

Desde cedo, Wills atuou no mundo da imprensa e das artes. Foi um dos

fundadores, em 1955, da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba. Um ano antes participou, juntamente com Linduarte Noronha, do filme *Cabo Branco* (inacabado). Foi do Conselho Estadual de Cultura e da PBTUR, membro da Academia Paraibana de Letras e do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. Foi também da presidência da seccional paraibana da Associação Brasileira dos Jornalistas de Turismo. Autor de vários livros sobre cinema e do original projeto 'Roliúde Nordestina', instalado na cidade de Cabaceiras.

O falecimento de Wills Leal deixa uma lacuna enorme na cultura paraibana. - Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Nota de Condolências

A Academia Paraibana de Cinema (APC), na pessoa de sua presidente, a atriz Zezita Matos, e em nome de toda a retoria, lamenta a morte do escritor paraibano Wills Leal. Ele que ocupava a Cadeira 4 da APC, cujo Patrono era o cinefílico Péricles Leal. Wills Leal residia nesta capital e foi importante não só para o cinema paraibano, mas para a cultura de um modo geral. Os membros da Academia Paraibana de Cinema lastimam o seu desaparecimento.

'Meu Espaço'

Programação traz variedade artística

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Na tarde de hoje e de amanhã, o projeto 'Meu Espaço' oferece mais programação cultural para a população. Nas segundas, quartas, sextas e domingos, sempre a partir das 17h e com cerca de duas horas de duração por dia, a iniciativa promove diferentes linguagens artísticas, possibilitando uma maior facilidade de divulgação dos artistas paraibanos independentes para o público. As exposições acontecem no canal oficial da Funesc no YouTube. Hoje, estão inseridas linguagens como dança, contação de história, cinema e circo. Já amanhã, o evento on-line abrange as cultura popular, artes visuais, dança, teatro e literatura.

Neste domingo, a programação tem início com uma videoaula de Breaking Kids, a dança de rua voltada para o público infantil. Às 17h30, Joelson Topete realiza o seu projeto *Contações Encantadas*. Às 18h05, mais uma contação de história, desta vez com Arly Arnaud, com *A Onça e o Bode Cantada por Cantos da Carochinha*. Carine Fiuza, através de seu curta-metragem *Curta Yá*, integra a programação às 18h30, e, em seguida, entra o curta *E agora, Aninha?*, de Bruna Campos. O encerramento fica por conta da apresentação de Luana Iranzi: *A arte de viver do circo*.



Foto: Divulgação

Curta-metragem de animação 'E agora, Aninha?', dirigido por Bruna Campos, será exibido hoje

Já amanhã, o pontapé fica por conta de Odete de Pilar, com *O Coco, a Ciranda e Eu: a Mestra Odete*, às 17h. Às 17h45, Carlos Nunes apresenta *Pintura Mural Artístico*, e, às 18h15, Daniel Manzur apresenta *Eu Vou Dançar*. Representando a linguagem do teatro, o Coletivo Cara Dupla apresenta *As Malditas - Essas gêmeas não são flor que se cheire*. Encerrando a noite, Bianca Rufino realiza o *Cotidiano in.verso*.

O calendário do 'Meu Espaço' deverá durar, no total, seis semanas com uma programação que inicia sempre com uma oficina. O horário e tempo de duração foram decididos para não concorrer com outros eventos on-line, bastante comuns neste período de quaren-

tena, integrando uma maior variedade de entretenimento e mais uma opção de interação do público com a arte.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Meu diário preferido

Quem escreve um diário, a princípio, escreve para si mesmo. Fruto de uma intensa solidão subjetiva, um diário parece preencher os vazios de comunicação que se tem com o outro e, também, em certo sentido, consigo próprio, pois, tudo me levar a crer, ninguém compreende ninguém, e ninguém se compreende a si mesmo.

Um diário, portanto, pode se constituir numa estratégia para garantir, ainda que minimamente, a necessária aproximação da realidade interior de cada criatura.

Se um diário, pressupõe-se, procura estabelecer um pacto transparente com a sinceridade da expressão, não elide, no entanto, o primado da fantasia e devaneio, até porque não foge aos sortilégios e às trapaças da linguagem.

Penso, não raro, que um diário, assim como qualquer espécie dos gêneros íntimos e heterodoxos, a exemplo das memórias, confissões, cartas e autobiografias, nada mais é que outra ilusão literária fabricada pela vontade ou pela volúpia do estilo.

Por isto mesmo me parece um texto literário como outro qualquer, uma vez que também comporta, nas esferas abertas e ambivalentes da linguagem, os pontos de fuga ficcionais e a nota poética por excelência.

Ao tocar neste assunto, ocorre-me a lembrança do *Diário*, de Lúcio Cardoso, o meu preferido no contexto da literatura brasileira, editado pela Elos, em 1960, com capa de Carlos Penafiel, em cor preta, contrastando com o vermelho das letras do título e a assinatura em branco do autor, orelhas de Waldir Ayala, a quem Lúcio o dedica em registro de uma grande amizade.

Por fortes razões pessoais amo essa edição, embora possua e conheça a edição póstuma, *Diário completo*, publicada pelo José Olympio, em 1970, e a mais recente, *Diários*, da Civilização Brasileira, com organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de textos e notas de Écio Macedo Ribeiro, professor doutor que vem se dedicando, com paixão e competência, ao estudo da obra cardosiana.

Contemplando os anos de 1949 a 1951, este *Diário* revela a agonia e o júbilo de um homem tocado profundamente pela perplexidade dos dramas existenciais, que envolvem a fé, a carne, a solidão e a morte, mas também o júbilo e a agonia de um artista diante dos apelos misteriosos da criação, quer em âmbito verbal, refletindo o romancista e o poeta, quer em ângulo imagético, na atração que o cinema exerce sobre sua personalidade. Às ponderações íntimas da vida cotidiana, associam-se as recorrências temáticas em torno da aventura da invenção estética, o mergulho especulativo em terreno filosófico, os lampejos inquietantes da dúvida metafísica que disciplina os debates entre o ser e não ser.

Sempre que leio e releio este *Diário*, vejo-me seduzido por um enredo insólito, como se estivesse palmilhando, perdido, as páginas convulsas e dilaceradas de um Dostoiévski, sobretudo o Dostoiévski de *O homem do subsolo* e de *Os demônios*. Leio-o, portanto, como um romance escrito em primeira pessoa, autor e narrador fundidos por um foco narrativo que pesquisa e descobre principalmente o avesso das coisas, a medula óssea dos sentimentos e sensações que o homem, enquanto ser desterrado, experimenta na dimensão moral e psicológica.

Não há um parágrafo que não tenha, aqui e ali, uma ou outra frase sublinhada, a corroborar, no compasso da leitura, o impacto da emoção, da descoberta e da verdade enunciadas num estilo em que a força poética comanda o ritmo e a semântica das palavras, revelando, assim, os surpreendentes sigilos da vida. À página 90, faz a seguinte indagação: "(...) E que é a morte, senão a essência de todos nós? Perdemos tudo, transfiguramo-nos, e bons ou maus somos sempre outros, a fim de podermos atingir em verdade a morte que nos vive". E à página 200, fecha uma das anotações com estas palavras: "Testemunhos trágicos têm se erguido contra o burguês - inutilmente, porém. O burguês deve existir como ponto de referência à nossa revolta. Porque a missão de alguns poetas é empunhar o chicote para lacerar a maioria cega e domesticada pelo hábito de existir sem sofrimento".

No final deste *Diário*, em leitura dos anos 90 do século passado, escrevi: "A este diário deverei voltar sempre". E assim sempre o fiz, tanto pela preferência do conteúdo rico e variado da substância humana quanto pela preferência da forma, lapidada com os mais preciosos materiais da configuração artística. Por isto mesmo assino em baixo, a título de arremate deste texto, estas palavras que Waldir Ayala, outro grande diarista, escreve numa das orelhas deste estimado volume: "(...) Seu diário é uma obra literária, tem a mesma música de sua novelística, o mesmo ardor poético que dá sangue aos seus episódios, a mesma paixão pelo subterrâneo, o mesmo deslumbramento luxuoso diante das luminosidades".

Foto: Reprodução/watsapp



Foto: Divulgação



Foto: Ortilo Antônio



Raimundo Nóbrega disse que o Botafogo só usou jogadores jovens no Torneio. Já Edvalson Travassos, do Auto Esporte, relembra a importância da disputa em que o Sousa, de Aldeone Abrantes, surgiu para o futebol profissional

A gênese da "segundona"

30 anos do Torneio Integração

Clubes como Sousa e Atlético de Cajazeiras chegaram à elite do futebol graças à competição, realizado em duas edições nos anos 1990

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Este ano, uma iniciativa que abriu caminho para o surgimento de novos clubes de futebol na Paraíba e resultou na criação da segunda divisão do Campeonato Paraibano, completará 30 anos. Trata-se do Torneio Integração que ocorreu em duas edições no começo dos anos 1990 e reuniu equipes profissionais do Estado e também times amadores com destaque para o recém fundado Sousa e o Atlético de Cajazeiras.

A disputa foi organizada pela Federação Paraibana de Futebol, sendo um dos marcos da administração Rosilene Gomes por ter integrado todo o Estado ao futebol. E teve dois intuítos na época de sua criação. O primeiro era gerar um calendário de disputas para os clubes no segundo semestre e a segunda motivação foi promover a descentralização do futebol no Estado que, com raras exceções como o Guarabira Esporte Clube, estava restrito às regiões metropolitanas de João Pessoa e Campina Grande, além da cidade de Patos que já contava com a dupla formada por Esporte e Nacional.

O cenário da época

Na transição entre os anos 1980 e 1990, o futebol brasileiro passou por grandes transformações que tiveram como foco central a disputa entre o Clube dos 13 - formado pelos clubes mais ricos do país - e a CBF. Antes desse período, as disputas nacionais não eram segmenta-

das por divisões como ocorre hoje em dia. Esse processo só passou a ocorrer a partir de uma transição ocorrida entre os anos de 1987 e 1994 quando surgiu a disputa de uma terceira divisão nacional - hoje a Série C - e consolidou-se a Série B. Esse processo gerou a redução no número de equipes na primeira divisão, além da exclusão de vários times do topo do futebol brasileiro, entre elas as principais agremiações da Paraíba, frequentadoras da elite nacional antes desse processo. De 1994 em diante, a Paraíba só obteve um acesso para a Série B em 2009 com o Campinense (subiu em 2008).

Nesse período, equipes como Auto Esporte, Botafogo, Campinense e Treze que possuíam presenças regulares nas competições da elite nacional se viram sem calendário para o segundo semestre. Essa transição foi traumática para os times paraibanos, especialmente o Botafogo que depois de ter participado da primeira divisão em 1986, só voltou a disputar uma competição nacional em 1993 quando ao lado do Auto Esporte, Campinense e Treze, fracassou na seletiva para a Série B de 1994 cuja vaga, em um grupo de cinco equipes com quatro da Paraíba, ficou com o CRB-AL - inicialmente, o CSA-AL também participaria dessa disputa, mas desistiu do torneio. Antes disso, o Treze jogou o polêmico campeonato de 1987 na mesma chave do Sport e depois disputou a segunda divisão entre 1988 e 1991. Enquanto isso, o Auto Esporte também dispu-

tou a segundona de 1991. Em 1992, o representante da Paraíba na disputa do segundo nível nacional foi o Campinense. De 1994 em diante a definição do representante da Paraíba na série de acesso nacional passou a ocorrer exclusivamente através do estadual, como hoje.

A competição

Diante desse cenário onde no máximo duas equipes do estado possuíam calendário no segundo semestre, surgiu em 1990 a proposta de criação do Torneio Integração. A competição que foi iniciada em outubro daquele ano, em sua primeira edição, reuniu 19 clubes - oito profissionais e 11 amadores - de 14 cidades diferentes em uma disputa dividida entre times profissionais e amadores disposto em chaves por região. O Botafogo, que era presidido por Domiciano Cabral, não participou da primeira edição e só disputou a segunda, de 1991 com jogadores da base, na época presidido por Raimundo Nóbrega.

No final, o campeão era definido entre a melhor equipe profissional e a melhor amadora. Em 1990, a final ocorreu entre o Auto Esporte e a Seleção de Sapé. O time da capital, que já havia sido campeão estadual naquele ano, triunfou perante a equipe sapeense que chegou a vencer a primeira partida em casa por 1 a 0, mas depois foi derrotada pelo elenco automobilista por 3 a 0 em João Pessoa. Edvalson Travassos era o supervisor do Auto Esporte naquela

época e explica que a disputa foi importante para movimentar os clubes ao longo do ano.

"Naquele período os clubes da Paraíba ficavam boa parte do ano sem jogar nenhuma competição e isso era muito ruim para o futebol local, por isso o torneio surgiu como uma demanda das equipes. Em 1990, nosso time, que já havia sido campeão estadual, também ganhou esse torneio", relembrou o ex-dirigente automobilista. Na segunda edição da competição, o campeonato passou a ter um novo perfil e ali foi gestada a criação da segunda divisão do Campeonato Paraibano. No torneio que foi iniciado em novembro de 1991 e finalizado apenas em maio de 1992, as disputas valiam apenas para as equipes amadoras. Os times profissionais jogaram apenas a primeira fase em jogos de ida na casa dos adversários amadores e serviram como uma espécie de peneira para selecionar as melhores equipes não profissionais. Nessa segunda e última edição, o Torneio Integração contou com 23 equipes - 9 profissionais e 14 amadoras - de 19 cidades.

A partir da segunda fase a disputa se estendeu entre dezembro de 1991 e maio de 1992 quando o Sousa Esporte Clube - fundado em junho do ano anterior a partir do encerramento das atividades do clube Independente de Sousa e que tinha como treinador o ex-jogador e dirigente icônico do clube Aldeone Abrantes - sagrou-se campeão no somatório dos pontos tendo como

segundo colocado o Atlético de Cajazeiras. Ao término da competição, as duas equipes receberam o convite para ingressar na elite do futebol estadual já em 1992 e entraram de vez na história do futebol paraibano, se tornando duas das equipes mais importantes do Estado como relembra Aldeone Abrantes.

"Nós tínhamos um time formado apenas por jogadores da cidade de Sousa e que acabara de surgir após as disputas políticas que puseram fim ao Independente que na época era presidido por meu pai - Valmir Ferreira - e pelo qual eu era jogador. Então pegamos a base do Independente e passei a treinar o time. Nessa época treinávamos todo dia das 5h às 6h30 quando o pessoal precisava sair para ir trabalhar já que eram todos amadores, mas mesmo assim conseguimos conquistar o título e a vaga para a primeira divisão de onde nunca mais saímos", afirmou Aldeone.

Juntos a dupla das cidades vizinhas no alto sertão paraibano somam três títulos

estaduais - dois do Dinossauru e um do Atlético - além de cinco vice-campeonatos - três do Trovão Azul de Cajazeiras e dois da equipe verde e branca -. Em 1994, as equipes repetiram as posições do Torneio Integração de 1991/1992 porém na elite do futebol Paraibano, essa foi a primeira vez que a final do estadual não contou com um time de João Pessoa ou de Campina Grande. A partir dessa última edição, o torneio foi substituído pela segunda divisão estadual que segue ocorrendo até a atualidade, sempre no segundo semestre. Além de Sousa e Atlético de Cajazeiras, outra equipe que figurava entre os times amadores do torneio e se tornou posteriormente campeã estadual foi o Confiança de Sapé, campeão em 1996. Equipes como o Vila Nova de Itabaiana, Industrial de Ingá, América de Esperança e o Atalaia de Bananeiras também merecem menção como times participantes dessa disputa que mesmo de maneira breve, entrou para a história.



Através do QR Code acima, acesse os detalhes da competição em 1990



Através do QR Code acima, você acompanha como foi a segunda edição

A UNIÃO ACOMPANHOU TODO O PROCESSO DE FORMATAÇÃO DA DISPUTA

Imagens: Arquivo A União



Sol que aquece, gera força, movimento e eletricidade



Cada vez mais paraibanos aderem ao uso da energia solar, barateando custos e preservando o meio ambiente

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Há mais de dois meses, o professor Francisco Fachine Borges instalou em sua casa, na Praia do Seixas, um projeto de geração de energia solar. Apesar do pouco tempo de uso, os resultados já são perceptíveis. A redução mensal na conta da energia elétrica caiu de aproximadamente R\$ 400 para a taxa mínima, R\$ 40. Além de resultar em menor custo para o consumidor, especialistas afirmam que essa fonte de geração de energia elétrica também traz benefícios ao meio ambiente, porque evita a emissão de gases poluentes na atmosfera, contribuindo para a redução do aquecimento global e outros impactos na natureza.

Além da economia obtida, o professor Francisco tinha consciência da contribuição positiva que daria ao planeta. Para instalar o sistema com 14 painéis fotovoltaicos na residência, ele investiu R\$ 22 mil, obtidos através de um financiamento feito com o BNB. “Eu já vinha pensando há bastante tempo, pois já estava convencido das vanta-

gens da geração fotovoltaica distribuída residencial, do ponto de vista da sustentabilidade e, também, do custo/benefício”, contou.

Agora, o dinheiro que sobra da conta de energia elétrica é investido na mensalidade do financiamento, que deve ser quitado em cinco anos. “Depois deste tempo, a ideia é ficar pagando a taxa mínima da concessionária de energia elétrica”, declarou Fachine.

Demanda crescente

Na Paraíba, a implantação desse sistemas fotovoltaicos vem crescendo. Isso é possível perceber analisando o número de financiamentos registrados apenas no Banco do Nordeste, sem contar as outras unidades financeiras que também disponibilizam o serviço. Em 2016 foram quatro operações feitas pela linha de financiamento FNE Sol, para pessoa jurídica. Em 2019 passou para 50 operações, somando mais de R\$ 6,1 milhões somente neste último ano.

A disponibilidade do FNE Sol para pessoa física, ou seja, as residências, começou o ano passado, por isso ainda não é possível avaliar o cres-

Em 2016, foram quatro operações na PB pela linha de financiamento do BNB para pessoa jurídica. Em 2019, esse número pulou para 50

cimento anual. Mas o volume já foi considerável neste primeiro ano. Foram 309 operações do FNE Sol feitas no Estado, totalizando mais de R\$ 8,8 milhões.

Saiba Mais

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) é quem estabelece as condições gerais de implantação e uso da energia solar no Brasil. Desde 2013 há uma Norma Resolutiva 482/2012 estabelecida pela Agência, que cita as condições gerais para o acesso de microgeração e minigeração distribuída aos sistemas de distribuição de energia elétrica. Essa interligação funciona através de um sistema de compensação de energia elétrica.

+ Fonte mais sustentável e inesgotável

O professor Zaqueu Ernesto da Silva, diretor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), destaca que a geração de energia solar é uma forma de energia mais sustentável, tanto para as residências, como para as indústrias e o comércio. Ele explica que existem duas maneiras de se converter energia solar para usos gerais.

Uma delas é a conversão térmica, voltada para o aquecimento de fluidos (água, óleo ou ar). Ela pode ser aplicada em algumas ações como para aproveitamento em processos industriais, uso sanitário e geração de energia. A outra forma é através da conversão fotovoltaica. “É o caminho mais curto para converter a energia do sol em eletricidade. A eletricidade, é sabido, pode ser usada como força matriz ou, de uma maneira menos nobre, para aquecimento de fluidos”.

Independentemente da maneira de conversão, há benefícios ao meio ambiente. Segundo ele, a energia solar é uma fonte de energia limpa (sem considerar toda cadeia produtiva na pro-

dução dos painéis) e sustentável. Está presente em todas as partes do planeta com maior intensidade nas regiões mais próximas da linha do equador, como o Brasil. “É renovável, pois é obtida a partir do irradiação do sol, o que a torna um recurso abundante, fornecido pela própria natureza. Adicione-se que, essa energia, assim gerada, pode ser distribuída em locais remotos”, declarou.

O geógrafo Rogério dos Santos Ferreira, mestre em Gestão Ambiental e doutorando em Serviços da Natureza pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirmou que a energia solar é uma alternativa ao modelo energético adotado após a Segunda Guerra Mundial, voltado ao uso de combustíveis fósseis, muito mais poluidores e que se esgotam.

Rogério Ferreira alertou, porém, que mesmo sendo uma geradora de energia elétrica mais sustentável, é necessário atenção e respeito ao processo de sua industrialização, ou transformação em energia fotovoltaica. “E esta industrialização sim, precisa ser analisada e mitigada seus impactos”.

Continua na Página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Poucas diferenças entre humanos e felinos

“Todos vocês que amam os gatos lembrem que os milhões de gatos que mimam pelos quartos do mundo depositam toda sua esperança e confiança em vocês, da mesma maneira que a gatinha mãe da Casa de Pedra repousava a cabeça em minha mão, que Calico Jane botou os bebês em minha valise, que Fletch pulou nos braços de James, e Ruski corria para mim arrepiado de alegria”.

Acima, um trecho de “O gato por dentro”, pequeno livro do grande William Burroughs, que costumo reler quando algumas tonalidades cinzas invadem minha vida ou as de pessoas amigas. Friends: são pr’essas coisas.

Ou quando nas redes sociais há tantos gatos novinhos, como atualmente, para os quais se procuram adoção.

Burroughs - que foi um dos expoentes da contracultura norte-americana - morreu em 1997, aos 83 anos, e amava gatos.

Seus melhores amigos intelectuais, como Andy Warhol e Susan Sontag, disseram que a convivência de Burroughs com os gatos aumentaram o contato do escritor com seu próprio eu. Por isso, ele termina o livro que tanto releio com a seguinte frase: “Somos os gatos por dentro. Os gatos não podem andar sozinhos, e para nós não há apenas um lugar”.

Quando eu morava na Bento da Gama, na zona de limite entre Torre e Jaguaribe, numa

madrugada estava apenas com minha música e meu violão, no terraço, e explodiu de uma vez só a letra, a melodia, a harmonia e o ritmo de “Gato”: “Gato atravessando o coração, como se fosse uma pantera azul das neves do Kilimandjaro”... Fui por aí, até terminar com um “cá no Nordeste se faz frio em sol, as mães e bestas são celestiais”...

Quando fiz a música (em março de 1985), Burroughs não tinha lançado ainda “O gato por dentro”. Estavam, então acon-

Aberto a indagações e conselhos

Em meus já muitos anos de jornalismo e atividades culturais, vim observando como todos nós somos e estamos.

Nesse longo período, vi muitos personagens que deixaram de estar, sendo, outros deixando de ser, estando. Observei modos, meneios e mudanças em andanças por corredores universitários, marés políticas, confusões, convulsões e conciliações artísticas, avanços e recuos das academias e vanguardas, enfrentamentos e entendimentos ideológicos, dúvidas e confirmações espirituais.

Sempre fui atingido por dois verbos: perder e ganhar. Normal, nesta e nas outras produções e profissões. Nunca fui nem quis ser santo. Faltou-me vocação. Mas, de uma coisa nunca abri mão, seguindo orientação de

tecendo aquelas antenas sutis, virtuais, etéreas, invisíveis, que ligam criadores que não se conhecem, mundo afora.



É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar (Gil, cantado por Chico) e que Burroughs deixou no ar a conclusão de que, afora as particularidades físicas, poucas diferenças existem entre humanos e felinos.

minha mãe, a professora Antonieta: ter identidade própria.

Gostei sempre do diálogo, das adequações, de escutar bem antes de uma decisão séria, como as de aplicar um dinheiro inesperado, entrar numa produção artística ou votar. Sempre estou aberto às indagações, aos conselhos. Como todo ser humano que preserva a identidade própria, também espero dos outros que assim sejam. Devo também ser ouvido, assim como escuto.

Não há nada de absolutamente novo nem relativamente revolucionário no que agora escrevo. Apenas chegou a vontade disto destacar por ter a intuição de que, em várias atividades públicas ou privadas, neste momento, pessoas desrespeitam outras que têm identidade própria.



Tragédia prevista

Nunca esqueço a importância do autor de obras-primas como “Chega de saudade” (música-marco inicial da bossa nova), “Desafinado”, “A felicidade”, “Insensatez”, “Garota de Ipanema”, “Wave”, “Luiza”, “Corcovado”, “Dindi”, “Samba do avião”, “Eu sei que vou te amar”, “Sabiá” e “Águas de março” (a de maior sinalização para o assunto que mais interessava a Tom Jobim: o meio ambiente).

Numa de suas inúmeras entrevistas, ele previu a tragédia que claramente começa a desenhar-se: “No

fim, a destruição do mundo provará apenas a nossa enorme incompetência, porque nós somos realmente um animal daninho”.



Aproveito para lembrar duas frases fundamentais do mestre: “No Brasil, o sucesso é ofensa pessoal”; “Carrego nas costas a cangalha de fazer música brasileira e me acusam de ser estrangeiro”.

Assim era Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim.

No Sertão, o sol que castiga é o mesmo que gera riqueza

Uma das maiores densidades de energia solar do mundo é verificada na região de Sousa, no interior da Paraíba

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

“O Nordeste do Brasil está entre as regiões com maior nível de insolação no mundo”. A afirmação é do professor Zaqueu Ernesto da Silva, diretor do Centro de Energias Alternativas e Renováveis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esse fato, segundo ele, leva essa parte do Brasil a ter maior viabilidade para implantação de plantas de conversão da energia do sol em eletricidade.

“Essa é uma realidade. Ela é privilegiada para receber a irradiação do sol que alcança a Terra”, reforçou.

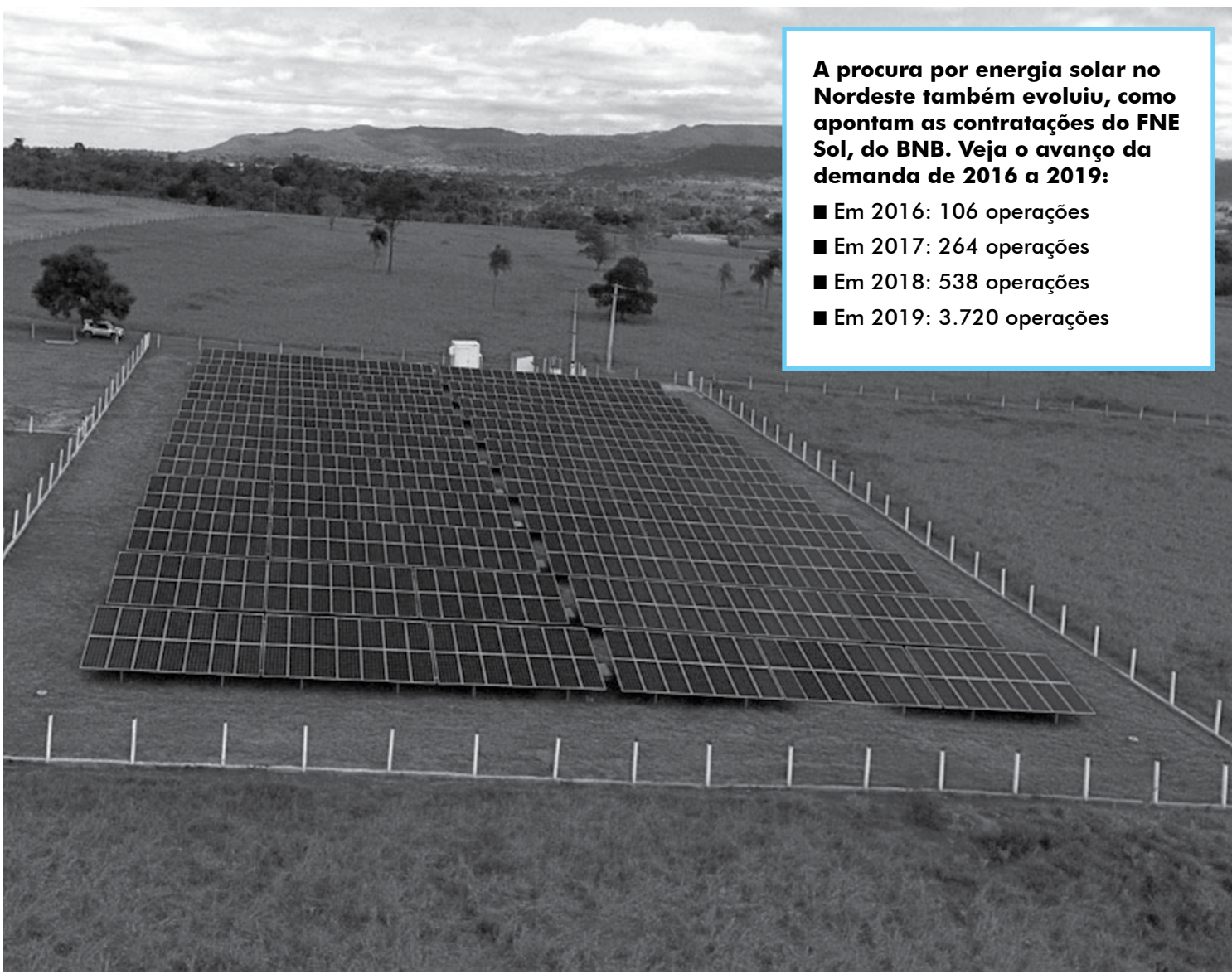
E dentro da região Nordeste, o Sertão paraibano ganha destaque, de acordo com o professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Walmeran José Trindade, engenheiro eletricista, membro do Comitê de Energia Renovável do Semiárido (Cersa). “O nosso Sertão, mais especificamente a região de Sousa, na Paraíba, onde nós temos uma das maiores densidades de energia solar do mundo, chegando a mais de 6 Kilowatts/hora por metro quadrado”, salientou.

Cersa

O Cersa integra o Fórum de Mudanças Climáticas e Justiça Social e a Frente por uma Nova Política Energética para o Brasil. Juntas, as entidades formam um coletivo que reúne organizações, estudiosos e colaboradores. Segundo Walmeran Trindade, a entidade não tem fins lucrativos e busca estimular a adoção de energia solar descentralizada no semiárido nordestino. “O nosso propósito é mostrar que somos ricos energeticamente e podemos ter como fonte de energia número 1 o sol. Porque o mesmo sol que castiga, gera vida”, frisou.

Saiba Mais

Na Paraíba, a maior parte de contratações feitas no ano passado pelo FNE Sol, linha de financiamento do Banco do Nordeste, ocorreu nos municípios do Sertão. Das 15 cidades com maior procura, sete delas foram das áreas mais áridas do Estado: Patos, Cajazeiras, Itaporanga, Sousa, Pombal, Catolé do Rocha e Conceição. Esse grupo, foi responsável por 164 das 359 contratações feitas pelo Bando do Nordeste no sertão paraibano em 2019.



A captação de energia por meio da luz solar tem atraído, na Paraíba, cada vez mais empresas e pessoas interessadas em reduzir custos

A procura por energia solar no Nordeste também evoluiu, como apontam as contratações do FNE Sol, do BNB. Veja o avanço da demanda de 2016 a 2019:

- Em 2016: 106 operações
- Em 2017: 264 operações
- Em 2018: 538 operações
- Em 2019: 3.720 operações

+ Instalação de parques pode também causar impactos ao meio ambiente

Apesar dos inúmeros benefícios que o uso da energia solar traz para o meio ambiente, o professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Walmeran José Trindade, engenheiro eletricista alerta sobre a adoção do termo “energia limpa”. O professor destaca que é usual adotar essa referência à energia renovável, como a solar ou eólica. Porém, segundo ele, todo aproveitamento de uma fonte energética causa impacto aos ecossistemas, se for levado em conta a cadeia produtiva.

Ele explica que ao analisarmos de uma forma mais ampla, desde o processo de produção das placas ou células fotovoltaicas, considerando a extração da matéria-prima, o silício, até a implantação de

uma geradora de energia solar de grande porte (distribuição concentrada) como um parque de energia solar, há impacto para o meio ambiente.

“O impacto não está na fonte de energia, que é a solar, mas na transformação da energia primária em energia elétrica. É quando entra a tecnologia do homem. O tratamento do silício, para preparação da placa, por exemplo, envolve química. E nisso devemos ter cuidado”.

A instalação desses parques solares requer a retirada da mata nativa do local onde é implantado. Walmeran Trindade afirma que nesse estágio do projeto, geralmente é preciso desmatar uma grande parte da vegetação, afetando a fauna, a flora e, muitas vezes, causando

o deslocamento de moradores. Ou seja, direta ou indiretamente, há interferência nos ecossistemas. “Isso é um dilema. Você tem uma fonte renovável, que não vai alimentar o efeito estufa diretamente pela queima de um combustível fóssil, mas traz impacto ao meio ambiente”, salientou.

O engenheiro eletricista concorda que, ao olharmos apenas a fase que sucede à instalação desses equipamentos, os benefícios para o planeta são indiscutíveis, se comparados a outras fontes tradicionais de produção de energia elétrica.

Trindade destacou que há um segundo modelo de uso da energia solar cuja interferência no ecossistema é bem menor: é o modelo distribuído,

ou seja, quando os sistemas são implantados nas casas ou pontos comerciais. “Porque as placas fotovoltaicas são instala-

das geralmente no telhado da casa, e isso não requer desmatamento nem afeta o meio ambiente ou o homem”, frisou.

Confira algumas vantagens e desvantagens

Positivo

- É uma matriz energética renovável e abundante na natureza;
- Países que se encontram nos trópicos, como o Brasil, possuem grande potencial de obtenção dessa fonte energética inesgotável;
- Após o investimento inicial no domicílio, o consumidor reduz o uso da energia elétrica convencional.

Negativo

- Quando gerada através de uma usina, é necessário a instalação de coletores que se estendem por vários hectares. Isso envolve ações como o desmatamento, trazendo impacto ao homem e animais;
- A extração e tratamento do silício, matéria-prima usada para produção das placas fotovoltaicas, podem envolver processos que impactam no bem-estar ambiental e também do homem, caso não haja o devido cuidado.
- Para muitas pessoas, o custo para implantação ainda não é acessível.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Às margens do Rio Jaguaribe sentei e não chorei

Pedalandando pelo bairro de Jaguaribe, fui clicado pelas lentes da câmera do compadre Bala, um sujeito folclórico neste espaço de João Pessoa, também o lugar de moradia de figuras como meu considerado compadre Humberto de Almeida, escrevinhador de um blog que tem milhões de acessos pelo valor e originalidade dos seus escritos. O filho de compadre Heráclito e dona Chiquinha, morador das ruas Senhor dos Passos e 12 de Outubro e de todas as vias e becos de seu velho Jaguaribe, malabarista de palavras, disse que só sai de Jaguaribe morto e bem morto, mas não sai assim de todo não. Mesmo depois de passar desta pra melhor, ficarão por aqui sua verve plural e sua alma, claro, se

a mesma existir, conforme desconfia seu lado místico.

Querida ter o talento de Humberto para desenhar umas mal traçadas sobre este lugar onde moro há mais de 15 anos. Como me falta o talento escrivacional (sei que a palavra não existe), eu paro e sento nas margens do rio Jaguaribe, no vale do mesmo nome, refletindo sobre a degradação deste que é o maior rio urbano da capital Parahyba do Norte. Suas águas correm totalmente dentro do perímetro urbano, então imaginem as agressões que sofre ao passar por Varjão, Cruz das Armas, Jaguaribe, Castelo Branco, Manaíra e Tambaú, até desaguar no meu querido Rio Paraíba, outro que é obrigado a comer o

famoso pão que o diabo amassou em sua caminhada desde o cariri até o Atlântico. É descarga de poluentes, é barramento, é lixo, é esgoto clandestino que as águas do Jaguaribe quando passam pelo jardim botânico, uma área de proteção permanente, chega clamam por revitalização antes que vire um rio morto.

Não chorei pelo Rio Jaguaribe e sua morte anunciada por causa da poluição urbana do entorno. Antes, me deu aquela fúria infrutuosa e impotente por saber que nosso rio levou uma facada mortal de um grupo empresarial em Manaíra, dono de um shopping praquelas bandas, que praticamente selou a relação do seu curso, crime ambiental amparado e encoberto

por um governante que nasceu e se criou no bairro Jaguaribe, intervenções agressivas feitas na Capital em nome do capital e dos arrumadinhos políticos. O rio não tem mais forças para fluir. Não tem mais como enfrentar o mar, perdeu sua pujança. Só restam poças d'águas paradas e contaminadas em sua foz. Um ecossistema com elevado potencial produtivo de suporte à vida, condenado à morte pela insensatez capitalista. É nas gerações futuras que penso, sentado às margens do moribundo porque, com a morte do baixo Rio Jaguaribe, uma geografia se transforma, a história da cidade perde suas lembranças e a relação da natureza com o ambiente cada vez mais se corrompe e desfigura.

Grande João Pessoa pode ter lockdown ainda este mês

Entenda o que significa a medida, já avaliada como necessária pelas autoridades em algumas cidades da Paraíba

Juliana Cavalcanti
Especial para A União

Diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19), o uso do lockdown, isto é, o bloqueio total das atividades, tem sido avaliado nos últimos dias pelos gestores estaduais e municipais como uma forma de prevenção ainda mais restrita do que o isolamento social. Trata-se de uma medida extrema para uma situação de grave ameaça do sistema de saúde. Na Paraíba, o governador João Azevêdo afirmou que já existe essa possibilidade e pediu que a população aderisse ao isolamento para evitar o bloqueio. Já o secretário de Saúde, Geraldo Medeiros, admitiu que a iniciativa talvez seja colocada em prática nos próximos 15 dias.

Ele prevê que essa situação possa ocorrer nas cidades paraibanas, em especial em João Pessoa (com o maior número de casos). "Tem muita gente nas ruas ainda que não cumprem as recomendações das autoridades da saúde. Isso deixa os demais que estão em casa se sentindo impotentes porque não saem de suas casas. Elas terminam se sentindo atraídas também a saírem por causa desses outros que são vistos nas ruas se exercitando ou exercendo outra atividades como se nada estivesse acontecendo", lamentou o secretário.

O próprio prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, já estuda sua aplicação da medida, assim como Patos, no Sertão e o Conde, no Litoral Sul. Por enquanto, na capital paraibana e em Cabedelo já foi realizado o bloqueio da orla marítima. Na opinião do secretário Geraldo Medeiros, a população está receptiva ao lockdown. "Cabe ao governador baixar o decreto, mas acredito que caminhamos para isso. O ideal é que a medida ocorra abrangendo as cidades próximas para evitar que

as pessoas se desloquem para a capital. Ou seja, que seja decretado para a Região Metropolitana de João Pessoa que pega também Bayeux, Santa Rita, Alhandra e outras", avaliou.

Entre essas cidades da Grande João Pessoa está Santa Rita, onde o prefeito Emerson Panta anunciou no último dia 3 que a cidade seria a primeira no Estado a entrar em lockdown na tentativa de controlar a propagação do vírus. Geraldo Medeiros classifica o lockdown como a proibição

Tem muita gente nas ruas ainda que não cumpre as recomendações das autoridades da saúde. Isso deixa os demais que estão em casa se sentindo impotentes porque não saem de suas casas

ção total do habitante sair às ruas. Assim, ele só poderia sair de casa para comprar medicamentos e alimentos. É uma determinação com poder de polícia, isto é, a pessoa pode ser mandada para casa e até presa se houver resistência à ordem.

"As cidades que adotam esse sistema viram um deserto, nas ruas ninguém circulando. Nos EUA, por exemplo, nem mesmo é permitido que o cidadão vá ao jardim de casa, há monitoramento o tempo todo para garantir o fechamento total da cidade", pontuou o secretário. Ele acrescenta que a medida também prevê a aplicação de multas para quem descumprir a determinação, além de prisão. Em João Pessoa, já



Foto: Marcus Antonius

A Prefeitura de João Pessoa já determinou o bloqueio para a população das praias da capital

existe multa de R\$ 195,23 pelo acesso não permitido às praias. Em Cabedelo, é de R\$ 126 pela mesma infração.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), até agora não existem medicamentos nem vacinas específicas para curar ou impedir a covid-19. Por isso, a entidade recomenda o distanciamento social, a etiqueta respiratória e a higienização das mãos como as únicas formas de combate. O Ministério da Saúde (MS) definiu, em Boletim Epidemiológico, os diferentes tipos de isolamento social. Destes, o

lockdown é considerado o mais rígido, mas também eficaz e já acontece na Itália, Argentina e outros países.

Conforme o órgão, o Lockdown (em português, bloqueio total, contenção comunitária ou quarentena comunitária) é o nível mais alto de segurança e pode ser necessário em situação de grave ameaça ao sistema de Saúde. Durante esse período, todas as entradas do perímetro (comunidade, região, cidade, Estado ou país) são bloqueadas por profissionais de segurança e ninguém tem

permissão de entrar ou sair. Tudo aquilo que não for extremamente necessário à manutenção da vida e da saúde estará bloqueado. A circulação de veículos é proibida, exceto para serviços essenciais e transporte para hospitais ou ambulâncias, viaturas e veículos com cargas de produtos essenciais. No caso do Brasil, as agências bancárias estão abertas apenas para o saque de auxílio emergencial, salários e benefícios sociais.

A OMS recomenda essa ação quando o distanciamento social, isolamento e quaren-

tena individual forem insuficientes. A proposta é restringir ainda mais a interação entre as pessoas e interromper atividades por períodos curtos. Apesar do ministério avaliar que o lockdown tem um alto custo, ele acredita que seja eficaz para redução da curva de casos e dar tempo para reorganização do sistema. O Estado do Maranhão foi o primeiro no Brasil a adotá-lo por dez dias. O bloqueio teve início na última terça-feira (5) em todas as atividades não essenciais. Em Fortaleza, a ação começou na quarta-feira (6).



Determinação é feita apenas por meio de lei ou decisão judicial

A determinação do lockdown é apenas por lei ou decisão judicial, isto é, mediante ato administrativo formal e devidamente motivado, e editada pelo secretário de Saúde do Estado, do município, do

Distrito Federal ou ministro de Estado da Saúde ou superiores em cada nível de gestão. Os prefeitos necessitam do apoio do Governo do Estado já que é necessária a Polícia Militar para sua efetivação.

A decisão deve ser anunciada no Diário Oficial e amplamente divulgada na imprensa. O médico ou o agente de vigilância epidemiológica terá a responsabilidade de informar à autoridade policial e

ao Ministério Público qualquer descumprimento da medida.

"É uma medida que precisa de toda uma infraestrutura para funcionar. Por isso, o Estado (o governo) precisa apoiar para disponibilizar a

estrutura necessária, tipo força policial da PM e do exército. O prefeito não tem poder para acionar essas forças de segurança, só o governador", ressalta o secretário Geraldo Medeiros.

Medidas de isolamento social reduzem velocidade de transmissão

Apesar das medidas de distanciamento social não impedirem a contaminação, elas reduzem a velocidade da transmissão do vírus e fazem com que ele se espalhe de modo controlado, além de permitir que o sistema de saúde tenha tempo para reforçar os equipamentos (leitos, respiradores, EPI e testes laboratoriais) e funcionários (médicos clínicos e intensivistas, enfermeiros, fisioterapeutas, bioquímicos, biomédicos, epidemiologistas, entre outros).

O Ministério da Saúde divide as restrições em distanciamento social, isolamento,

quarentena e lockdown. O primeiro é a diminuição de interação entre as pessoas de uma área para diminuir a velocidade de transmissão e pode ser ampliado ou seletivo. É adotada quando existem infectados (assintomáticos ou que não sabem que estão com a doença e não estão em isolamento). É aplicado quando há transmissão comunitária (não se pode mais rastrear a ligação entre os casos) e quando só o isolamento das pessoas expostas é insuficiente.

Ele pode ser ampliado quando toda a sociedade deve permanecer em casa e apenas

os serviços essenciais são mantidos, ou seletivo quando apenas os grupos de maior risco (idosos, hipertensos, diabéticos, etc) ficam isolados. Quem não estivesse nessas condições poderia circular normalmente, se estiverem assintomáticos. Esta última estratégia é rejeitada em diversos países já que os grupos vulneráveis continuariam próximos dos infectados (assintomáticos ou sintomáticos).

O isolamento, por sua vez, busca separar os doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados) das não doentes. Ele pode ser em casa ou na unidade de saúde,

é prescrito pelo médico ou agente de vigilância epidemiológica e tem prazo máximo de 14 dias. O paciente se compromete a evitar o contágio das pessoas que moram com ele. A quarentena é a separação apenas das pessoas que foram expostas à doença, mas que não estão necessariamente doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação). Pode acontecer com alguém que voltou de locais com casos suspeitos ou confirmados, teve contato com pacientes (até mesmo em casa), em um navio (como ocorreu em Cabedelo),

em um bairro ou cidade inteira. A quarentena restringe o cidadão a sua casa ou local determinado.

"Em uma pandemia, existem as fases do isolamento social, quarentena e lockdown. O isolamento social é o que estamos vivendo neste momento em João Pessoa e na Paraíba. Já a quarentena é uma fase mais intensa, com as pessoas sendo fiscalizadas, o que vão fazer nas ruas. Mas a população não coopera e a próxima alternativa será o lockdown, que é a proibição de sair de casa", finalizou o secretário de Saúde Geraldo Medeiros.

Pesquisas da PB sobre covid-19 têm apoio financeiro do Estado

Conheça os projetos selecionados do “Edital Coronavírus”, por meio do qual o Governo investirá R\$ 1 milhão

Márcia Dementshuk e Thiago Xavier
Especial para A União

No início de abril deste ano o Governo do Estado da Paraíba apresentou uma resposta emergencial à comunidade científica da Paraíba que se voltou para o desenvolvimento

de soluções para o enfrentamento da epidemia provocada pelo coronavírus. No dia 6 daquele mês, abriu inscrições para o edital que ficou conhecido por “Edital Coronavírus” para propostas de até R\$ 200 mil.

A rapidez da para a execução do edital até a seleção final das propostas acompanhou a velocidade que exige da sociedade e dos go-

vernos: respostas rápidas para conter e combater o avanço do contágio e proporcionar diagnóstico, condições de tratamento e até soluções em vacinas.

Finalizado ainda em abril, o “Edital Coronavírus” contribuiu para a rápida implementação de soluções de monitoramento, análise e recomendações frente à pandemia da covid-19,

no Estado da Paraíba. O Governo do Estado está investindo nesta chamada R\$ 1 milhão – recursos já garantidos pelo governador João Azevêdo que serão liberados tão logo sejam assinados os Termos de Concessão Financeira com os pesquisadores e trâmites de abertura de contas, o que deve acontecer nos próximos dias.

Conheça as propostas selecionadas:

1) Predição Georreferenciada de Surtos de covid-19

Coordenador: Edmar Candeia Gurjão

É um aplicativo que fará um registro dos dados de localização e a quantidade de conviventes que dividem a mesma residência das pessoas que são atendidas em UPAs e Hospitais com sintomas ou confirmado de covid-19. O registro vai apontar regiões geográficas com tendência de surtos de infecção, ou de onde já está ocorrendo o surto. As informações irão guiar autoridades governamentais em ações, alocação de recursos e planejamento. Quatro pessoas estão envolvidas: Docentes da UFCG, do IFPB e uma médica infectologista da Hospital Universitário Alcides Carneiro. E alunos de graduação e pós-graduação da UFCG, IFPB e HU-UFCG.

2) COVID19PB – Business Intelligence e Geoprocessamento para o Apoio ao Gerenciamento de Crise

Coordenador: Cláudio de Souza Baptista

Proposta de um software (via Web) para realizar análises espaciais, temporais e preditivas acerca da covid-19 na Paraíba. Utiliza técnicas de business intelligence com analytics e geoprocessamento, que permitirão a integração de dados de saúde, socioeconômicos e ambientais – será possível visualizar o impacto da ocupação humana no meio ambiente. Criará um sistema de apoio à decisão para o Governo da Paraíba. O projeto integrará times de pesquisadores de diferentes regiões do estado (agreste e sertão), formando um time de especialistas. O projeto será executado em conjunto por dois grupos de pesquisa: UFCG/Laboratório de Sistemas de Informação (LSI) e IFPB-Cajazeiras. Ao todo, sete integrantes.



3) Desenvolvimento de testes para covid-19

Coordenador: Sherlan Guimarães Lemos

O objetivo é desenvolver um teste rápido para diagnóstico do covid-19. Serão avaliadas duas maneiras diferentes de desenvolver o teste, ambas baseadas em sensores eletroquímicos. Em ambas, a expectativa é que o resultado possa ser obtido em, no máximo até 30 minutos, por um analista com pouquíssimo treinamento. A equipe é composta de 10 profissionais da área de Química e Saúde: químicos, odontólogos e médicos, com experiência em desenvolvimento de métodos de análise, imunologia e infectologia.

4) Desenvolvimento da técnica de testagem para a detecção rápida de SARS-CoV-2

Coordenadora: Maria Angelica Ramos da Silva

Obter uma técnica que poderá ser empregada para a testagem mais rápida da população e ser utilizada ainda no começo da infecção. Desenvolverá um teste rápido para covid-19 que permitirá diminuir os custos do SUS, dar mais agilidade ao sistema de detecção e aumentar a quantidade de locais onde possa haver a testagem molecular (a depender da necessidade do sistema). Ela poderá auxiliar, no futuro, na vigilância epidemiológica. Os testes rápidos atualmente empregados detectam apenas anticorpos e só devem ser utilizados mais tardiamente; até lá, se a pessoa está positiva, sem saber, pode ter infectado outras. Nove pessoas estão envolvidas neste projeto.

5) Identificação de epítomos para construção de uma vacina baseada em epítomos múltiplos

Coordenadora: Joelma Rodrigues de Souza

Simplificadamente, o objetivo é mapear o vírus para encontrar respostas imunes, o que ajudará na formulação de uma vacina. De forma técnica, a pesquisa irá mapear por métodos computacionais os epítomos de células T e B para as proteínas estruturais e não estruturais do SARS-CoV-2, através de técnicas de imunoinformática. Estudos deverão gerar conhecimentos inéditos sobre o desenvolvimento de uma vacina e no desenvolvimento de kits de diagnóstico de baixo custo e alta eficiência. O desafio é identificar quais são as sequências das proteínas virais que conseguem induzir uma resposta imunológica protetora.

São 8 pesquisadores e 3 estudantes. O Projeto será desenvolvido no Núcleo de Imunoinformática (GEPH e GpeMBiS da UFPB), no LABIM e no LACEC/ CCS(UFPB); no Laboratório de Virologia e Terapia Experimental (IAM/FIOCRUZ-PE). E pesquisadores do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Teranóstica e Nanotecnologia (INCT – TeraNano).

6) Múltiplas abordagens de amplificação de ácidos nucleicos para caracterização e diagnóstico da covid-19

Coordenador: Eduardo Sérgio Soares Sousa

A proposta tem o objetivo de avaliar desempenho e custo efetividade de quatro metodologias alternativas baseadas na amplificação de ácidos nucleicos para diagnóstico laboratorial da covid-19 e influenza A e B, bem como analisar a evolução e caracterização do SARS-CoV-2 na Paraíba por meio de sequenciamento de genomas virais. Disponibilizará informações para abordagens alternativas de diagnóstico, validades frente a falta de suprimentos, elaboração de mapas temáticos com cruzamento de dados de georreferenciamento e dados filogenéticos e dados para avaliação das medidas de controle e da vigilância epidemiológica.

São 10 pesquisadores da UFPB e do Hospital de Trauma (Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes) envolvidas.

7) Assistência Materno Infantil - Cuidado a distância

Coordenadora: Altamira Pereira da Silva Reichert

Prestar a assistência materno infantil remota frente a pandemia de Covid-19, com consultas coletivas para a prevenção da Covid-19, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de bebês que nasceram prematuros e assistência à mulher no contexto obstétrico. Também, será elaborada uma cartilha educativa digital para prevenção da covid-19 e autoconhecimento obstétrico das mães de bebês prematuros, frente à pandemia. Irá atender grupo de vulnerabilidade, tanto no contexto de saúde, como social.

Participam 12 pessoas, docentes da UFPB, UFCG, alunos de graduação, mestrado e doutorado, além de colaboradores técnicos.

8) Avaliação de biomarcadores prognósticos em linfócitos

Coordenadora: Tatjana Keesen Sousa Lima

O projeto visa avaliar células do sistema imune e entender por quais mecanismos os pacientes com a covid-19 podem ter formas mais graves ou leves dessa doença. Pretende-se validar possíveis marcadores de prognóstico dessa doença, que no futuro poderão auxiliar na busca de melhores tratamentos ou até mesmo no direcionamento de uma terapia imune (imunoterapia).

A equipe tem a colaboração de professores da UFRN, do CCS-UFPB), de pós-doutorandos. Além disso, equipe de pós-graduandos doutorandos e mestrandos dos programas de pós-graduação Multicêntrico em Ciências Fisiológicas, Renorbio-PB e Biotecnologia_Mestrado. Para experimentos mais refinados, o colaborador internacional do Imperial College of London (Inglaterra), Dr. Daniel M. Altmann.



9) Ventilador Pulmonar Micro-controlado portátil

Coordenador: Mario César Ugulino de Araújo

A diferença desse respirador é a elaboração de um software robusto para monitoramento e controle; emprego de sensores; ventilador equipado com monitor touch screen; sensores para monitorar a temperatura do paciente, saturação sanguínea de oxigênio, frequência respiratória e eletrocardiograma-DA. E ainda um módulo para pressão arterial. Esse equipamento tem em um só aparelho o ventilador pulmonar com monitor e um monitor biométrico para monitoramento de temperatura, oximetria, pressão arterial, frequência cardíaca e eletrocardiograma são feitas pelo monitor biométrico. Um app que recebe parâmetros do paciente mas não controla o equipamento. Já foram realizados testes e emitidos relatórios de validação de sensores e o tempo de resposta do display touch com o notebook. Os resultados foram satisfatórios. Até o momento, o desenvolvimento do projeto foi feito com recursos próprios e depende de apoio como este edital para avançar.



10) Desenvolvimento de Ventilador Pulmonar para Cuidados Intensivos

Coordenador: Eduardo Jorge Valadares Oliveira

O projeto consiste no desenvolvimento de um ventilador pulmonar mecânico adequado ao tratamento de pacientes acometidos pelo novo coronavírus. O equipamento será desenvolvido avaliando-se os parâmetros médicos definidos pela OMS, NHS, CDC e Ministério da Saúde do Brasil; a disponibilidade de partes, peças e componentes no mercado, e as regulamentações sanitárias e normativas, dadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA.

O equipamento envolve uma interface do usuário que possibilita a manipulação de diferentes variáveis utilizadas no tratamento por parte do profissional na UTI. Está em fase da execução de análise de risco para envio para a Anvisa.

Inicialmente, são 5 pesquisadores envolvidos no projeto e outros 2 serão em atividades específicas durante as etapas de desenvolvimento.



Foto: Arquivo

Contemporânea do futuro e semente das boas ideias

Educadora, poeta e escritora Olivina Olívia foi uma das mulheres mais atuantes da Paraíba no século 20

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

A educadora, poeta e escritora paraibana Olivina Olívia Carneiro da Cunha, nascida em 1886 e falecida em 1977, foi uma das mulheres mais atuantes na sociedade paraibana do século passado. Além de professora de Geografia, na Escola Normal da Paraíba, e também de Língua Portuguesa, no Lyceu Paraibano, chegou a presidir entidades culturais, assistenciais, religiosas e filantrópicas. O pensamento dessa intelectual estava à frente do seu tempo e isso permitiu que ela participasse e incentivasse iniciativas voltadas aos direitos e proteção das mulheres. No próximo dia 26, é comemorado seu 134º aniversário de nascimento.

A educadora nasceu em 26 de maio de 1886, quando a cidade de João Pessoa ainda se chamava Parahyba do Norte. Era filha de Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, o Barão do Abiahy, e de Maria Leonarda Bezerra Cavalcante, a baronesa do Abiahy. Na infância, morou em um palacete da Rua das Trincheiras, onde fica, atualmente, a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego. No local, residiam também os seus irmãos Rita Ricardina, Claudiano Cláudio, Julita e Horácio Hermeto.

Depois da morte do Barão do Abiahy, Olivina passou a morar com a família em outro imóvel, localizado na Rua Venâncio Neiva, 38, onde hoje funciona a Associação Paraibana do Ministério Público. Como não casou, viveu com suas duas irmãs nesta casa até a sua morte, em 1977.

Olivina Olívia foi irmã definidora da Santa Casa de Misericórdia e está entre as fundadoras da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino, na década de 1930, onde estabeleceu como principal meta a de licenciar mulheres na busca dos seus direitos como ser pensante e atuante na sociedade.

Os ideais filantrópicos e sociais de Olivina Olívia atravessaram as fronteiras da capital, fazendo-a atuar no Movimento Nacional de Combate à Hanseanáfase. Com isso, ocupou o papel de líder do Educandário Eunice Weaver, em Bayeux, entidade de assistência às pessoas com hanseanáfase, criada em 1960.

No campo das letras, a educadora se dedicou ainda à poesia e chegou a escrever três livros, intitulados "Pérolas Esparsas", "Migalhas de Inspiração" e "Barão do Abiahy, lançado em 1940. Essa terceira obra é sobre a memória do seu pai. A paraibana também publicou artigos em revistas e jornais, inclusive no Jornal A União.

Olivina Olívia participou, na condição de membro permanente, da reestruturação da Academia Paraibana de Poesia (APP), fundada em 1949 por Manoel dos Anjos. Tempos depois, em 1974, elegeu-se presidente da entidade, ocupando a cadeira de número oito. Após a sua morte, em 1977, essa vaga intelectual ficou com a escritora e poeta Balila Palmeira. Mais recentemente, em 2004, foi fundada a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap) e Olivina desta vez recebeu o título de patrona da cadeira número três.

Outras áreas também contaram com a presença de Olivina. Em 6 de abril de 1938, por exemplo, ela se tornou sócia do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Já nos anos 50, a educadora tentou uma incursão pela política e se candidatou a vereadora, em João Pessoa. Porém, não se elegeu.



+ Culta e muito além do seu tempo

Olivina Olívia tinha um pensamento além do seu tempo e não se contentou com o papel limitado que era reservado às mulheres da época. Ao contrário, era ativa e politizada. Apesar de ser de uma família paraibana abastada, logo cedo começou a trabalhar e fez assim seu percurso no meio intelectual da capital, em pleno início do século 20.

Ainda na infância, Olivina demonstrava interesse pelo magistério, ensinando em sua casa, junto com a irmã Rita, as primeiras letras aos filhos dos empregados de seu pai. Em 1904, aos 18 anos, diplomou-se pela Escola Normal, templo do ensino público paraibano. Um ano depois, em 1905, foi nomeada para a nona cadeira do mesmo educandário, quando passou a ensinar Música e Trabalhos de Agulha. Em 1907, chegou a ser admitida para a primeira cadeira do Grupo Escolar Modelo.

Era culta, amante da poesia e da literatura brasileira, com tenaz admiração por escritores como Camões, Alexandre Herculano, Assis de Queiroz, e outros autores. Apreciava escrever poesia e era colaboradora de revistas, como Era Nova, e de jornais, entre eles o da Festa das Neves.

A Mestre em Educação pela UFPB, Viviane Freitas da Silva, registrou em sua dissertação ("Memórias da educadora Olivina Olívia Carneiro da Cunha") o texto da escritora e amiga de Olivina, Balila Palmeira, publicado na Revista Sol com o título de "Mestre imortal: uma vida dedicada à educação". Nele, Balila enfatizou que as contribuições de Olivina Olívia para os jornais e revistas se davam para favorecer a mulher na defesa de seus direitos de cidadania.

Em entrevista exclusiva para esta edição do Jornal A União, a sobrinha-neta de Olivina Olívia e advogada Helionora Abiahy, que conviveu com a tia-avó durante seus primeiros dez anos de vida,

destacou o pensamento de vanguarda da educadora. "Era uma mulher politizada, versátil, conciliava o viés de jornalista, pois escrevia artigos para jornais da época. Era a professora dedicada e atuante, a poetisa saudosa de tempos e emoções passadas, e a escritora", resumiu.

Helionora também lembrou que a personalidade de Olivina Olívia não se limitava aos padrões mesquinhos de seu tempo. "Uma dama, mas descompromissada e desapegada da pequenez dos hábitos sociais daquele período, pois lutava contra as diferenças. Através da educação, compartilhava o conhecimento aos seus alunos, quer no Lyceu, ou em outras salas de aulas", descreveu.

Se Olivina voltasse hoje, talvez ainda haveria contemporaneidade em seus pensamentos e poderia surpreender muitas pessoas com suas ideias, acredita a sobrinha-neta. "Tia Liva era uma mulher muito além daquele tempo. Se voltasse hoje, creio que seus pensamentos, seus ideais e sua poesia ainda levaria o leitor à reflexão", observou Helionora.

Apesar da altivez e firmeza, a educadora mantinha a cordialidade com as pessoas às quais mantinha contato. "Uma criatura carinhosa, doce, mas também era firme nas suas convicções, quer ideológicas, políticas, religiosas", afirmou. "E na vida sua grande preocupação foi com o outro. Era pessoa dedicada ao trabalho assistencial desde pequena, pois foi na sua casa que começou a compartilhar com os filhos dos empregados as primeiras letras. Creio que estes foram seus primeiros alunos", completou.

Fotos: Arquivo de família



Olivina Olívia segura a sobrinha-neta Helionora Abiahy, que conviveu com a tia avó até os dez anos de idade

Cinco décadas dedicadas a várias gerações



Ao todo, Olivina Olívia ensinou durante 56 anos consecutivos a várias gerações de paraibanos e nas mais diversificadas matérias. Também passou por algumas instituições de ensino da capital, a exemplo do Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello e Lyceu Paraibano.

"Mestre por vocação, por amor, dedicou-se como um sacerdote à arte de ensinar e tão bem ensinou à Paraíba, que reconheceu seu trabalho em prol da educação. No Lyceu Paraibano, ensinou jovens que depois se tornaram expoentes na advocacia, na política. Enfim, ensinou para a vida", disse a sobrinha-neta Helionora Abiahy.

Em 1917, Olivina foi designada pelo governador Antônio Pessoa para reger a cadeira de Desenho e Trabalhos Manuais, no Grupo Escolar Dr. Thomaz Mindello. Essa instituição de ensino havia sido fundada um ano antes, sendo o primeiro Grupo Escolar da Parahyba do Norte.

A pedido do diretor da Escola Normal, ela também deu aulas de Matemática na falta do seu titular. Nesta instituição, lecionou durante um período considerável, entre 1918 e 1920, substituindo o mestre de Geografia do Brasil dos alunos do 1º ano.

Em 1925, o Governo do Estado a designou para dirigir a segunda cadeira de Geografia Geral e Geografia do Brasil. Ela também substituiu o professor de Pedagogia e de Álgebra no 4º ano, em 1926, e também o titular de Pedagogia do 3º ano, em 1928.

No dia 1º de março de 1929, suprimida a segunda cadeira de Geografia, a educadora ficou em disponibilidade institucional. Mas, voltou a ensinar no mês seguinte como auxiliar de Geografia, no 1º ano do Curso Normal.

Olivina foi dispensada da função de Geografia em 8 de setembro de 1930. O interventor Antenor Navarro a colocou em

disponibilidade, sem vencimentos. Mas, a 14 de março de 1931, ele a nomeou para ensinar Português na respectiva escola. Já em 8 de abril de 1934, Argemiro a nomeou para o cargo de professora de História da Pedagogia, na Escola de Aperfeiçoamento.

Quatro anos depois, em 29 de julho de 1937, recebeu as cadernetas de seu registro de professora nos dois ciclos (ginasial e colegial), expedidas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública. Mesmo assim, ficou em disponibilidade. Em 12 de abril do mesmo ano, o Governo do Estado aproveitou-a como auxiliar da cadeira de Geografia do Lyceu Paraibano. Em 22 de junho, nomeou-a para exercer, interinamente, o cargo de professora da primeira cadeira de Português do Lyceu.

Concurso arquivado

Em 1943, Olivina Olívia se submeteu ao concurso de títulos para o cargo de profes-

sor catedrático de Português. Tirou em primeiro lugar. O interventor federal Ruy Carneiro não a nomeou e mandou arquivar o concurso. Ela apelou para a banca julgadora, mas não foi atendida. Sua nomeação só veio bem depois.

Olivina faleceu na capital paraibana, em 12 de março de 1977, aos 91 anos de idade. O Jornal A União de 14 de março do mesmo ano noticiou sua morte. Na edição do dia seguinte, também publicou um texto sobre a educadora. "Era orgulhosa da sua estirpe e, quando não se estava muito para aulas cacetes, preenchidas com regras gramaticais, bastava perguntar pelo nome do pai ilustre. A resposta vinha na ponta da língua. Então, a aula virava um misto de genealogia e história", diz parte da matéria. "Nenhum favor se lhe fez em vida dito que pertence à galeria dos bons catedráticos do Lyceu Paraibano", enfatiza o texto.

Abmael Morais, um fiel apóstolo da notícia



Hilton Gouvêa
hiltongouvearaj@gmail.com

Abmael Morais era um apóstolo da notícia. Abaixo de seu grosso óculo de grau, tipo padre Zé Coutinho, cingia um bigode grosso e preto sob o nariz. Baixilíneo, não abria nem para um trem. Tertuliano Donato, um advogado, tentou meter os pés com ele e Abmael nem piscou: “bata em mim que mando Toinho, meu primo, falar com você”. Quem era este personagem que fez Terto tremer de medo? Se chamava Antonio Letreiro, na época o maior pistoleiro do Nordeste.

Abmael não conhecia Antonio Letreiro e, este, não era seu primo. Tertuliano preferiu não arriscar. Conhecia ou não? Num artigo publicado em sua homenagem por A Tribuna de Natal, onde trabalhou 20 anos, existem coisas interessantes. Uma delas é de que o menino Abi “criava”, quando queria produzir um “furo”. Inventou uma entrevista com Antonio Letreiro, que foi manchete em O Liberal, do Pará. Descoberto, Abmael retrucou: “Que eu o entrevistei, aconteceu. Só não sabia que antes da entrevista ele ia ser assassinado em Pombal (PB)”.

Em A Tribuna, ele pintou o sete. No dia 24 de março de 2010, o jornal o homenageou com um artigo, intitulado “Abmael Morais, um virtuoso da notícia”. Era. Dava “furos” razoáveis, em qualquer área, principalmente no esporte ou na página policial. Mael inventou o caso do marido que “morrera” há dez anos e, agora, reaparecia, mas encontrava a “viúva” casada com outro. Foi “furo”. Abmael não contava com a astúcia de Woden, que além de cobrar “suíte”, queria a “prova”, com fotos.

Abmael confessou numa crônica: “dei várias desculpas e Woden, desconfiado, fechando o cerco. Quando vi que não havia mais saída, inventei outra: ‘foi o seguinte, Woden, o trio não quis mais entrevista e resolveu viajar, para local ignorado. Antes, os três me telefonaram e disseram que o ‘morto’ aceitou a situação e deixou a ‘viúva’ casada, como estava’. Em Natal,

como é contado na Tribuna, Abmael só ia para casa quando a última rádio patrulha retornava da ronda. Às vezes vinha uma matéria boa, envolvendo gente grossa.

O historiador Luís da Câmara Cascudo fazia uma pesquisa sobre folclore. Um Cabo PM, à frente da ronda noturna, penetrou no local e queria revistar Cascudo que sentiu-se ultrajado e reagiu. O militar não quis conversa: mandou agarrar o homem e levá-lo para a delegacia. O delegado, um tenente jovem, reconheceu o historiador, passou um sabão no cabo e liberou Cascudo. Quando o escritor ia saindo, Abmael interferiu: “Doutor, eu exigiria voltar para de onde veio, no mesmo carro da polícia.” Cascudo aceitou a proposta e convidou Abmael a acompanhá-lo, a fim de tomarem uns drinks. Abmael foi. O “furo” não saiu.

Em A União, ele publicou uma crônica que sujou a barra de um padre de sua terra natal (Ouro Branco, RN). O sacerdote era desafeto político de Abmael, que, depois de enquadrar o homem em todos os adjetivos impúblicáveis, ainda teceu dúvidas sobre a masculinidade do religioso, escrevendo: “ele foi pego dentro da sacristia, com um coroinha, numa posição nada clerical”. Dioclécio Moura, o superintendente, chamou-lhe a atenção. O padre, não revidou. Neste jornal, ele bateu um recorde: foi diretor técnico só um dia, por ter tratado o governador Tarcísio Burty como “Bura”. Acabou exonerado 24 horas depois de ter assumido o cargo. Escreveu assim: “Estou aqui porque posso, Deus mandou e Bura permitiu”.

Abmael fazia alardes sobre suas amizades importantes. Uma delas era a cantora Eliana Pittmann, firmada quando ela esteve em João Pessoa, na década de 1980. Alguém duvidou e, numa sexta-feira pela manhã, um carrão para na porta da Redação, na General Osório, e quem é que desce dele, procurando por Abizinho? A própria Eliana Pittman. Vinha, a convite de Abmael, conceder uma entrevista exclusiva, sobre a tournê de shows que ora fazia no Nordeste. E sabem quem saiu de lá, de mãos dadas com ele, para tomar um gim na praia? Acertaram: Eliana Pittman. Anco Márcio, que não batia bem com Abmael, comentou: “meus olhos sempre mentem para mim nas sextas-feiras”. A troca de farpas entre os dois era comum.

Seu jeito cínico de falar, escrever e até conversar com os subordinados, era engraçado, grosseiro, mas elegante. Foi pedir-lhe para sair de férias. Ele encolheu os olhos miúdos, firmou os cotovelos na mesa e respondeu: “Seu imbecil, eu não disse que você não sai de férias agora, hein, seu imbecil? Só estou com você, Baby e Aninha Sá, né? Quer me lascar, é?” Aceitei o argumento, porque as palavras rudes dele, segundo definição de Agnaldo Almeida, não eram proferidas com maldade.

Quando o presidente Zé Sarney foi inaugurar a Lagoa do Arroz, em Cajazeiras, a turma de A União ficou no Hotel de Brejo das Freiras, em São João do Rio do Peixe. Abmael não comia carne e não achou boa a iguaria servida no jantar. E levou um sabão de Dona Etina, a gerente, por ter perguntado a ela se, ali, tinha sopa de feijão. Ele cometeu uma injúria, ao procurar sopa de feijão no Hotel de Brejo das Freiras, sempre visitado por personalidades famosas.

Abmael fazia alardes sobre suas amizades importantes. Uma delas era a cantora Eliana Pittmann, firmada quando ela esteve em João Pessoa, na década de 1980

Atrevimento que intimida os mais arrogantes

“Considero Abmael Morais um dos jornalistas mais inspirados que já militaram na Paraíba. Vindo do Rio Grande do Norte, aqui fez nome e muitos amigos. Editou jornais, escreveu livros e viveu a vida intensamente, sem se prender a conveniências, ou ao jugo de governos ou governantes. Baixinho, feio, banguela, escondia-se por trás de imenso bigode e ocultava os olhos sob vistosos óculos fundos de garrafa. Mas supria as deficiências físicas com um atrevimento que intimidava os arrogantes. Morreu novo, mas viveu o bastante para sair desta vida sem lamentações. Viveu como quis, fez o que quis. Era um anarquista”, destacou o jornalista Tião Lucena.

Os dois trabalhavam juntos, na década de 1980, em A União. Tímido morando na periferia e, Abmael - que nunca perdeu a pose -, numa casa de quatro águas, em Manaira. “Ele era assim: morria mas não deixava de luxar. Cobrador pedia licença para cobrar. Como aconteceu no Drive-in da Epitácio Pessoa. O pendura lá nas

nuvens e Abmael, no seu gim com tônica. Lá na décima dose, ai o garçon o interpelou: ‘Jornalista, e o pendura?’. Abmael o olhou com aquele ar superior, determinando: ‘Traga os meus vales’. Animado, o moço foi ao bar e voltou com uma maçorca de papéis. Abmael alçou um por um, mandou o garçon somar. Feita a soma, pediu o total, assinou embaixo e ordenou: agora está tudo atualizado. Leve isso e bote embaixo da conta de hoje”.

“Era uma sexta-feira de setembro, de 1984, saímos eu, Abmael, Chico Pinto e Jackson Bandeira pelos bares da cidade. O carro era o Chevette hatch de Abmael, 15 anos de uso, dez anos de placa atrasadas. A tertúlia etílica começou pelas 10 horas, no Grande Ponto de seu João. Depois do meio-dia, continuamos no Drive-in da Epitácio e, quando o sol se pôs, desceramos até a praia, em busca da soideira. Perdo do Elite Bar, em Tambauá, nos deparamos com a blitz da Polícia Militar. Abi mandou que Chico Pinto ficasse na frente do veículo para

impedir-lhe a partida. Veio o cabo da patrulha, que se intendeu do acontecido e ele próprio se dispôs a guiar o carro. ‘Cadê a carteira?’, voltou a exigir Abmael. O cabo não a tinha. O carro não saíra, então. Veio o sargento e, por último, o tenente. Ninguém tinha carteira. E gerou-se o impasse”, relatou.

“Nós somos autoridades!”, tentou, ainda, intimidar o oficial. E Abmael irredutível: “Sem carteira, não tem autoridade que leve o carro”. A essa altura uma plateia se formara ao redor do chevette e dos protagonistas. Tinha até forçada. Os policiais se viram no mato sem cachorro. Se prendessem Abmael e os acompanhantes, haveria repercussão. O jeito foi chamar Pedro Adelson, secretário de Segurança, que saiu da Granja Santana diretamente para Tambauá a fim de pacificar os ânimos. O secretário ali chegou, mandou a polícia se recolher, pediu desculpas a Abmael e aos demais. “E nós continuamos em busca do Elite para tomar a última, que durou o resto da noite”.

No jornal A União, cria caderno especial

Nasceu em Ouro Branco, no Cariri do Rio Grande do Norte, em 1943. Morreu em João Pessoa, em 1996. Formou-se em Jornalismo no ano de 1964, na segunda turma da Faculdade Eloy de Souza (Natal, RN). Trabalhou nos jornais Tribuna do Norte (Natal), O Liberal e a República (Belém-PA), Correio da Paraíba e A União (João Pessoa - PB). Como secretário de redação de A União, criou um caderno especial de reportagens, o Jornal do Domingo. E a série Perfis de Corpo Inteiro. Sempre se manteve num seleto grupo de amigos e não havia pergunta para a qual não desse resposta. Franto Junior o chamava, com uma pecha de despeito, de “o sabe tudo”.

“Sua cara já denunciava humor. E Abmael foi o único que eu conheci a escrever assim. Talvez, por isso, ele e Anco Márcio, outro grande humorista, não se batassem bem”, lembra o jornalista Antonio David Diniz, seu parceiro de fotos em Perfis de Corpo Inteiro, reportagens seriais de A União. “Abi era exigente quanto a trabalho e piadista em excesso fora das redações”, diz.



Foto: Arquivo

Abmael idealizou um caderno de reportagem que era publicado aos domingos, além da série Perfis de Corpo Inteiro, quando foi secretário de redação

O Botafogo ganhou de um time em Campina Grande e Arnóbio, ao final, não fez a foto que o Correio da Paraíba queria. Abmael era o editor de Esportes. Depois de verificar uma pilha enorme, ficou furioso e, interpelou Arnóbio: “Você gosta de travesti, é? Não vi aqui nenhuma foto do gol da vitória

nem da taça, porque você só trouxe closes de bunda de jogador”. Arnóbio se desmanchou em desculpas, mas Abmael não aceitou. “O baixinho era exigente, até quando alguém o convidava para almoçar, ele dizia: se não tiver lagosta, caviar e whisky John Walker, nem me chame”, observou David.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

A notícia veio pelo telefone

“Primeiro as primeiras coisas”. Frase tantas vezes dita por meu pai, João Lúcio de Souza, e que eu adotei para a minha vida pessoal e profissional.

Aos 82 anos, meu pai morreu no dia 2 de maio passado. A notícia veio pelo telefone. Era ainda madrugada. Minutos depois, eu estava colocando algumas roupas na mala, para poder ir com outros irmãos a Patos, no interior da Paraíba, encontrar nossa mãe.

Por conta da pandemia, os ritos fúnebres sofreram modificações. Meu pai morreu vítima de um infarto, não de covid-19. Pudemos fazer o velório, mas com restrições de tempo e de pessoas presentes.

“Primeiro as primeiras coisas” serve para mim como um mantra. Em dias de calmaria ou de tempestade, especialmente,

segue sempre comigo: se há muito o que fazer, se o dinheiro é pouco, se o tempo é exíguo.

Do mesmo modo, outra frase tantas vezes dita por meu pai me acompanha: “Devagar também é pressa”. Costumo pensar nela quando me deparo com algum comportamento que, aparentemente, pode ser banal ou inofensivo, mas que, após tantas vezes repetido, vai significar uma grande mazela.

Meu pai era homem de poucas palavras.

Uma de suas características mais lembradas por quem o conheceu, inclusive, era o silêncio. Calar, aprendi com ele, também é uma forma de diálogo.

Com um casamento de mais de 59 anos, 13 filhos, 34 netos, três bisnetos e com uma bisneta prestes a nascer (Clara), “Seu João” era terra, couro, chocalho, gado; a força do sertanejo retra-



tado por Euclides da Cunha. Tinha também três orgulhos: não usar xampu, não comer gelatina e nunca falar “com certeza”.

No fim de semana que meu pai morreu, acompanhei, em meio a luto, várias notícias absurdas sobre o Brasil em sites e nos programas de TV. Gente defendendo ataques ao Congresso e ao Supremo. Um man-

datário falando (e fazendo) asneiras. Jornalistas e profissionais de saúde sendo agredidos. Pessoas minimizando as milhares de mortes em decorrência do coronavírus.

Vejo tudo isso com tristeza e espanto. E imediatamente me lembro de outras vezes que vi meu pai assistir à TV e resmungar: “Depois que inventaram ‘desculpa’, o mundo se acabou”.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Noel Rosa, o poeta irretocável e melodista inspirado

Estou de volta com “as confissões de Noel Rosa”. Ninguém em tão pouco tempo de vida -26 anos - produziu tanto e com esmero talento. Poeta irretocável, Noel também era melodista inspirado além de cronista de costumes. Sua obra é um exemplo de inspiração, para quem pretende estudar, explorar, pesquisar ou entender a Música Popular Brasileira. Ele conquistou tantos corações anônimos, que as meninas de Vila Isabel, onde nasceu, já não admiravam, apenas, os galãs do cinema. Noel concorria com eles. Não se sabe de onde partia tanto encanto: se a sua voz, a doçura das composições ou o dom de arrebanhar fã masculinos e femininos, mesmo sem ser bonito ou fatalmente sedutor. Vamos ver o que ele diz hoje, para meus leitores:

“Eu vou para a Vila” constitui o meu primeiro grande êxito. Toda a cidade cantou a melodia; toda a cidade aprendeu-lhe o ritmo. Às vezes, eu vinha para casa, alta hora da noite. Nem viva alma. Só a emoção das estrelas no alto. De repente, lá numa esquina qualquer, desembocava um vulto. Assoviava. Era “Eu vou para a Vila”. Eu me sentia feliz. Tinha entrado no coração da cidade; compreendia a sensibilidade carioca; sabia comunicar-me com o povo. E esse meu destino de criador de ritmos parecia-me o destino ideal.

O rádio começava a dominar. As meninas do bairro já não tinham como único e invariável assunto os galãs de cinema. Muitas já se esqueciam do Ramon Navarro, do John Gilbert e outros amantes da tela e falavam dos “asses” do rádio. E não foi muito difícil. Fiz minha estreia no Rádio Educadora, com o Bando de Tangarás. Era, enfim, um “astro” do

microfone. As mocinhas bonitas, e mesmo as feias, ouviam-me, quando me encontravam, cravavam em mim um olho curioso. Mais tarde, estive na Mayrink. E por último, no Programa Casé, onde me demorei por um longo período

Eu tinha de mim mesmo uma boa impressão. De qualquer modo, tornara-me conhecido. Recebia convites para ir a festas. Acumulara, com o correr do tempo, um número apreciável de fãs. Não me encontrava com um amigo sem que este me consultasse sobre a minha última produção. Um belo dia, recebi convite para uma excursão ao sul do Brasil. Deveria ir com Francisco Alves, Mário Reis, Nonô e Peri Cunha. Aceitei. Lá fomos nós, cantando, semeando melodias, e sempre aclamados. No ano passado, estive em excursão nas cidades de Vitória e Santos. A boa estrela da sorte acompanhava os meus passos. Assim é que, em todas as regiões percorridas, agradei sempre.

Depois de “Festa no céu” e “Minha Viola”, inicie uma fase de intensa atividade musical. Atividade, por assim dizer, ininterrupta. Era preciso desenvolver um trabalho que correspondesse à minha ânsia criadora. Mas o gênero para que me sentia inclinado era o samba e exprimindo-me através do samba. Basta dizer que, em 160 produções, só realizei três foxes, três canções e três emboladas. Tudo o mais é samba.

Mas o meu maior e definitivo sucesso foi obtido com “Com que roupa?”, samba que impressionou bastante, como se verifica pela sua difusão, a sensibilidade do povo. “Com que roupa?” tem uma história interessante que vale a pena contar aqui, a título de curiosidade. Foi um caso que se passou comigo mesmo. Com Sangue de boêmio, eu passei a chegar



em casa, em determinada época, a altas horas da noite. Vinha de festas, ou de serenatas, ou simples conversas. Mas o fato é que essa vida, passada toda em claro, devia prejudicar a minha saúde. Foi o que aconteceu. Comecei a emagrecer. A emagrecer assustadoramente. Adquiri umas olheiras dramáticas. “Que é isso, Noel, paixão incubada?”, perguntavam-me. Eu sorria. Mas quem mais se assustava era mamãe. Presentiu, antes que ninguém, o meu estado. E dia-a-dia, renovava as suas advertências, os seus apelos, para que não me demorasse na rua tanto tempo, para que dormisse mais, que eu acabava doente.

Eu prometia que sim. Mas a minha vontade era nula. E chegava, fatalmente, às mesmas horas com as mesmas olheiras e aquele emagrecimento progressivo, que estava alarmando todo mundo. Desesperada de conseguir a minha obediência pelos recursos da persuasão, minha mãe lembrou-se de um antigo recurso, mas cujo efeito é sempre eficaz. Assim é que escondi todas as minhas roupas. Sem exceção. Fiquei desesperado. O pior é que, na véspera, mandara que alguns amigos me viessem buscar para irmos a uma festa. Os amigos não faltaram. A noite, batiam lá em casa: “Como é, Noel, vamos para o baile?”. E eu, dentro do quarto: “Mas com que roupa?”. Mal eu tinha acabado de soltar a frase, quando me ocorreu a inspiração de fazer um samba com esse tema. Daí o estribilho:

Com que roupa, eu Ao samba que você me convidou?

Foi um barulho. Todo mundo cantou. É assim que eu faço as minhas coisas. Com situações, episódios, emoções, aspectos colhidos na vida real.

Houve uma fase na minha vida em que vi abrirem-se os meus olhos, uma interrogação desconcertante. O samba bastaria para encher minha vida? Ou era preciso seguir uma carreira austera, fazendo melodias só nas horas vagas, como um simples e inconsequente recreio? Eu me havia bacharelado pelo Mosteiro São Bento. Sabia alguma coisa. Entrei para a faculdade de medicina, no firme propósito de ser médico.

Mas não tardou que me convencesse de que a medicina era uma carreira absorvente. Estudos incessantes, profundos, que não poderiam ser jamais abandonados, que exigiam todas as atenções. Eu devia continuar com o samba, deixando a medicina? Ou devia renunciar ao samba? Era uma alternativa dramática. Outra questão se apresentou aos meus olhos: qual era o destino mais coerente com a minha natureza, com as minhas aptidões natas? O criador de ritmos ou o médico? Colocado na contingência de optar, uma vez que as duas atividades não podiam ser conciliadas, escolhi o samba

O disco com que roupa? Vendeu 15 mil exemplares, o que é uma tiragem bem considerável e raras vezes atingida. Do outro lado do mesmo disco, o público encontrou outra produção minha: “Malandro medroso”. Tive, ainda, algumas melodias que se fundiram bastante, tais como “Mulata fuzarqueira”, “Cordiais saudações”, “Quem da mais?”, “Para esquecer”, “Três apitos”, “Até amanhã”, “Você, por exemplo”, “Dona Aracy”, “Dona Emília”. De parceria, reuni as seguintes composições: “Gosto mas não é muito”, com Francis Alves e Ismael Silva; “Não faz amor”, com Agenor de Oliveira; “Vai haver barulho no chatô”, com Valfrido Silva; “Para me livrar do mal”, com Ismael Silva; “Fui louco”, com Bide; “Triste culpa”, com Hervé Cordovil.

Irreverência e versatilidade são suas marcas

O jornalista Wellington Farias lembra a irreverência, o jeito bem-humorado de ser, somados a uma boa porção de presunção, como os traços mais marcantes da figura de Abmael Morais. “Natural de Ouro Branco, no Rio Grande do Norte, Abi (como era tratado pelos amigos) também apreciava uísque, o de melhor marca possível, como ele próprio afirmava”, observa.

“Jornalista dos bons, madrugava nas redações por onde passou, de Natal ao Pará, passando, sobretudo, por João Pessoa, onde deixou sua marca na imprensa da Paraíba”, lembra Farias. E adianta: “Embora ele tenha exercido mais o jornalismo impresso, particularmente sempre achei Abmael Morais muito melhor no rádio. Era comentarista esportivo de excelente nível, dos melhores”, garante.

“Abmael era um pândego, que não levava nada a sério, nem a própria vida”, diz o jornalista Marcos Tavares, que conviveu com ele vários anos. “Basta ver como ele morreu. Dono de uma versatilidade impressionante, ignorava as normas sempre que elas lhe contrariavam, senão como ocupar um cargo de assessor no TRE usando bermudas, num meio de paletós e gravatas”, relata.

Autor de dois livros com entrevistas que ele publicava aos domingos, tinha o peculiar hábito de exigir do entrevistado duas garrafas de uísque, uma pra ser degustada durante a entrevista e outra para sua coleção. E avisava: “quanto melhor o uísque, melhor a entrevista”. Deixou saudades pela sua irreverência e pelo seu estilo. “Era um jornalista competente quando queria fazer jornal, amigo sincero e topava qualquer briga, desde que não fisca, para defen-der amigos. Faz falta um Abmael nesses tempos bicudos que passamos”, conclui.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scooledi/Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Solidariedade comunitária

Sempre existe uma piada sobre o brasileiro ser pessoas que têm que ser estudadas pela Nasa.

E em alguns sentidos eu falo que isso é verdade.

Já morei em alguns países e essa ajuda, a solidariedade em comunidade, este tipo de coisa só o brasileiro tem.

Em tempos de pandemia, citando como exemplo o condomínio onde resido, temos um grupo de WhatsApp, onde está a maioria dos moradores.

Aqui em nosso condomínio temos pessoas de várias áreas e profissões. Mas existem aquelas que, em meio a pandemia, se pode ajudar coletivamente. Então toda semana existem as listas de pedidos a moradores do condomínio que têm seus negócios e vendas diferenciadas. E serve como exemplo para outros que talvez tenham produtos e não queiram expor seus negócios.

A semana é variada. Temos a lista do feijão verde que é de um produtor que reside no condomínio. Temos a lista do queijo de manteiga e de coalho também morador do condomínio. A lista do camarão que é de um proprietário de um apartamento aqui do condomínio, e seguem listas de açaí, picolé, dindin gourmet... são muitas as listas, além de ter moradores que tem serviço de delivery de bolo, tortas e comidas variadas, além da kombi da frutas e verduras, que não é morador de nosso condomínio, mas que toda semana vem e estaciona em frente ao prédio e os moradores descem.

Essa é uma forma de gestão do coração do grupo, onde poucas são as pessoas que vivem em um condomínio que têm esse pensamento em ajudar ao próximo, e ao mesmo tempo fazendo o negócio girar de alguma forma.

Uma das minhas primeiras crônicas que escrevi sobre a chegada da covid-19 relatei sobre ajudar os pequenos comerciantes locais e aos microempreendedores da nossa região, e isso é que temos feito gradativamente.

Tudo isso é feito de maneira organizada, todos com medidas de proteção e sem aglomerações, que é o método mais seguro para evitar o covid-19, além de ter a liberação da nossa síndica em coletivo a comunidade.

Cada pessoa pode fazer sua parte e tentar ajudar ou vender seu negócio seja ele de qualquer forma, rede sociais, sites e voltar aos tempos antigos de porta em porta. Mas que seja de maneira mais segura possível.

O bom de tudo isso é que você cria uma clientela fiel, segura e pagamento garantido na hora ou por transferência bancária.

Se você também tem seu negócio, ou tem algo para oferecer não perca tempo em oferecer em seus grupos nas redes sociais, faça como os desbravadores do meu condomínio e dê o primeiro passo para ter sucesso.

Vergonha é a falta de criatividade de técnica de vendas. Fica a dica!



PITADAS A GOSTO



Esse tempero a gosto de hoje vem com sabor diferente.

Tempero de mãe. É uma receita incondicional por seus filhos, amor sem valor e distância.

Adjetivos que no alfabeto vai de A a Z, nem um outro ser pode falar mais do que ser mãe do que ela própria. E dentro de casa tenho a mamãe Haryanne Arruda a mãe de meu filho Lucca, e vejo como é tão grande o amor e dedicação que ela tem para com ele. Amor é o tempero maior.

Gostaria de homenagear minha mãe Rosele Ramos uma mulher guerreira de cinco filhos a minha sogra Fátima Arruda, além de todas as mães paraibanas. E que sei que o tempero sempre é o mesmo. Amor incondicional!



Fotos: Freepik



QUENTINHAS

- Recebi essa semana uma cesta da tarde da Cestas Tocando Corações, que tocou realmente o coração deste colunista. Além de cestas, têm outros serviços como flores e cestas a sua escolha e tipos variados. Para hoje, Dia das Mães, aposto que muita gente encomendou e vai deixar o domingo de muita mamãe mais alegre e feliz. Seu telefone é 3231-0472 e Instagram @tocando_corações

- Nesta pandemia ganhei alguns quilos e vou entrar no detox da Polpa Detox da Ke. Durante cinco dias vou tomar sopas e sucos nutricionais, toda uma técnica acompanhada por nutricionista e profissionais da área. Se você quiser pegar informações entra em contato por Instagram @polpasdetoxdakel ou por telefone 98820-7994.

- Essa semana provei um lanche da Pão Grill Sandwich Shop que tem uma nova tendência de combos de lanches variados e preços especiais. E todos os dias têm uma promoção diferente e dias com entrega grátis. Meu pedido foi um combo com dois hotdog de salsicha especial e três burgers de blend de carne bem suculenta artesanal, mais um refrigerante. Bom de verdade! Contato 98619-7581 e o Instagram @paoegrillsandwiches

- A Feijoada e Fava Sabor de Casa, voltou com toda força nas entregas. E tem um preço super bacana, os valores de R\$20 para o kit para uma pessoa e R\$ 25 para duas pessoas. Serve muito bem todos os dois tipos. Já se programa para fazer seu pedido e provar. Seu contato telefone 98612-9230 e o Instagram @feijoadaefavasabordecasa

PRATO DO DIA

Lasanha de carne de sol na nata

Ingredientes

- 1/2 kg de macaxeira
- 01 kg de carne de sol
- 500 g de queijo manteiga, fatiado
- 500 g de queijo muçarela
- 100 g de queijo parmesão, ralado
- 02 latas de creme de leite
- 01 colher de sopa rasa de maizena
- 01 pitada de noz moscada
- 02 cebolas picadas
- 02 dentes de alho picados
- 01 litro de leite
- 50 ml de manteiga da terra
- 03 colheres de sopa de nata
- 01 xícara de água
- Sal a gosto
- 01 pitada de colorau

Modo de preparo

Coloque a carne de sol cortada em cubos de molho por 1 hora em 500 ml de leite. Enquanto isso, descasque a macaxeira e coloque para cozinhar com uma pitada de sal até ficar bem mole. Após o cozimento, escorra e reserve. Pique metade do queijo manteiga. Reserve.

Bata no liquidificador o leite, a nata e a maizena, acrescentando sal a gosto. Refogue 1 cebola picada na metade da manteiga e acrescente o preparado do liquidificador. Mexa até ferver. Acrescente a noz moscada e o queijo manteiga picado. Mexa até derreter. Desligue e acrescente 1 lata de creme de leite.

Reserve. Retire a carne do leite. Lave com água corrente e escorra. Cozinhe essa carne em 1 xícara de água por uns 20 minutos. Escorra a água. Desfie a carne. Refogue a cebola restante, o colorau e o alho na manteiga. Acrescente a carne desfiada

e mexa bem até a carne começar a assar. Reserve. Esprema com um garfo ou passe pelo espremedor a macaxeira. Misture com a outra lata de creme de leite. Reserve. Monte as camadas em um refratário de vidro da seguinte maneira: pincele o fundo do refratário de vidro com man-

teiga, coloque 1 camada do purê de macaxeira, 1 camada de queijo muçarela, 1 camada de carne e 1 camada de creme de queijo. Repita o processo até terminarem os ingredientes. Quando acrescentar a camada final, que deve ser a de creme de queijo, cubra com o restante do queijo manteiga picado e salpique o queijo parmesão ralado.



Foto: Arquivo Pessoal